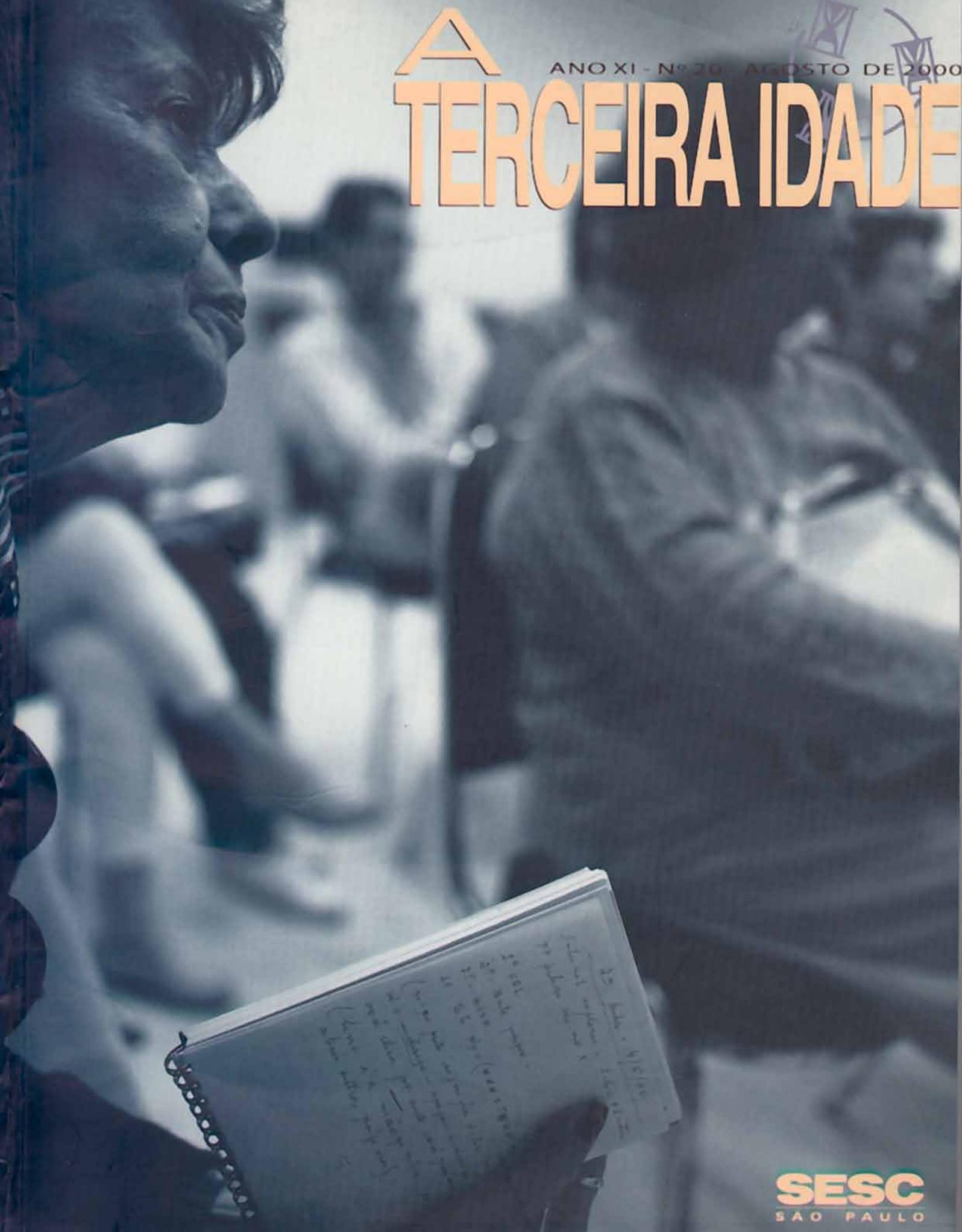


A

ANO XI - Nº 30 - AGOSTO DE 2000

TERCEIRA IDADE







5

A CIDADE NA MEMÓRIA DE SEUS VELHOS

Maria Inês Rauter Mancuso



19

O DESAFIO DA LONGEVIDADE E O SUPORTE AO CUIDA- Maria das Graças Sobreira Leal



31

A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E O IDOSO

Tomiko Born



41

CULTURA E MATURIDADE

Nilza Amaral



57

O TRABALHO VOLUNTÁRIO NO BRASIL E A PARTICIPAÇÃO DA TERCEIRA IDADE

Maria Lúcia Del Grande / Regina Célia Sodré Ribeiro

Publicação Técnica editada pelo SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC), Administra o Regional no Estado de São Paulo - Av. Paulista, 119 - 9  andar - CEP 01311-903 - Tel. 3179-3578 São Paulo-SP. Diretor do Departamento Regional do SESC/SP: Danilo Santos de Miranda, Superintendente Técnico-Social: Joel Naimayer Padula, Gerente de Estudos e Programas da Terceira Idade: Marcelo Antonio Salgado. COMISSÃO EDITORIAL: Antonio Arroyo (Organiza o e Revisão), José Carlos Ferrigno (Organiza o e Revisão), Maria Lucia Del Grande, Regina Ribeiro (Organiza o e Revisão), Marcelo Antonio Salgado (Coordena o). PROJETO GRÁFICO: Eron Silva. ARTE: Cristina Miras, Cristina Tobias, Eur pedis Silva, Marilu Donadelli, Lourdes Teixeira. Fotos: Eron Silva e Nilton Silva

Artigos para publica o podem ser enviados para aprecia o da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista Terceira Idade - Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) - Av. Paulista, 119 - 9  andar CEP 01311-903 - Fone (011) 3179-3570 - Fax (011) 3179-3573 - e-mail: seccsp@seccsp.com.br - São Paulo - SP



APRESENTAÇÃO

Como já disseram inúmeros pensadores, o grau de desenvolvimento de determinada sociedade não se mede apenas pela sua capacidade científica e tecnológica. O modo como são tratadas as crianças e os velhos fornece um importante termômetro de sua civilidade. Uma sociedade que se pretende desenvolvida não despreza os conhecimentos acumulados durante muitos anos, pelas gerações mais velhas. Maria Inês Rauter Mancuso ouviu idosos de sua cidade e descobriu aspectos inusitados da cultura local, realizando uma agradável e educativa viagem no tempo.

Tratar bem o idoso através de cuidados com sua saúde, é uma tarefa cada vez mais imperiosa em decorrência do aumento da longevidade humana e da natural fragilização física dos muito velhos. Maria das Graças Sobreira Leal analisa o importante papel do familiar cuidador.

O atendimento ao idoso nas múltiplas áreas de ação da gerontologia depende da contribuição de profissionais das mais diversas formações e sua atuação em equipe deve ser a mais produtiva

possível. Tomiko Born nos mostra estratégias importantes da equipe multidisciplinar.

Em suas reflexões sobre o envelhecimento humano, a escritora Nilza Amaral adverte que a velhice deve ser compreendida em sua totalidade, já que se trata não apenas de um fenômeno biológico, mas principalmente de um fato histórico e cultural.

Finalmente, Maria Lúcia Del Grande e Regina Célia Sodré Ribeiro, tratam de um tema de absoluta relevância social: o trabalho voluntário. Não apenas informam como tem se desenvolvido até o momento essas ações em nosso país, mas refletem sobre as possibilidades de participação do idoso nesse processo. Sempre afirmamos que a velhice pode ser uma fase de realizações do ser humano e se ele for capaz de promover sua autonomia e bem-estar, também será competente para ajudar pessoas carentes, inclusive outros idosos. Inegavelmente, a solidariedade é um dos mais dignificantes exemplos de responsabilidade social e o valor fundamental da condição humana.



A Cidade na Memória de seus Velhos

MARIA INÊS RAUTER MANCUSO

SOCIÓLOGA, DOCENTE DO DEPTO. DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS E MEMBRO DA COORDENADORIA DE EVENTOS CULTURAIS DA UFSCAR.

“O encontro da felicidade no passado deve-se à dimensão acolhedora das relações sociais que fica ofuscada pelo caráter coercitivo dessas mesmas relações quando elas são vividas. Pela memória, essas relações podem ser revividas no que tiveram de acolhimento, de amizade, de afetuoso cuidado. Não tivéssemos vivido essas relações, não teríamos, na memória presente, um passado acolhedor ao qual retornar.”

Introdução

Estes dois relatos foram extraídos de minha tese de doutorado A cidade na memória de seus velhos. Estudo sobre São Carlos, Itirapina e arredores, realizada no Departamento de Sociologia da USP. Minha pesquisa de doutorado integra-se à linha de pesquisa Sociedade e Modo de Vida Interioranos do Núcleo de Pesquisa e Documentação José Albertino Rodrigues, do qual participo como pesquisadora. Dedico o presente texto ao Prof. Dr. Reginaldo Prandi, orientador da pesquisa, à Profa. Elza de Andrade Oliveira, diretora cultural do Grupo da Terceira Idade de São Carlos e à minha mãe, Dona Magdalena.

Parte I - Memórias de cidades: sabores e odores

Este relato traz memórias de velhos moradores sobre as cidades de São Carlos e Itirapina. Colhi lembranças, principalmente em 1997, de 28 pessoas - 12 mulheres e 16 homens - com idade entre 65 e 100 anos. As lembranças falam de perdas e construções - da casa, da família, da carreira, da cidade, dos amigos. A memória é reavaliação, reconstrução da própria vida. É o reencontro, no presente, com amigos, pais, irmãos e mestres.

Os contadores de lembranças - ferroviários, donas de casa, comerciantes e comerciários, funcionários públicos, pro-

fessores - são netos e filhos de migrantes que vieram para o Brasil no final do século passado ou no início deste, para trabalhar no Planalto Ocidental paulista, grande frente de trabalho por causa do café, das cidades, da ferrovia e dos lenheiros que lhe forneciam lenha e madeira. A memória desses tempos está se perdendo. Vão-se, com a morte, as lembranças de um mundo que, segundo os entrevistados, se extinguiu: o mundo do cheiro de café, da ferrovia, dos bondes, das visitas, dos footings ...

Quando se fala da vida na cidade, vêm à memória seus lugares e as pessoas que neles se conheceu e com quem se conviveu. Da cidade, o lugar por excelência é o corpo. A cidade entra, portanto, por todos os sentidos e, carregada de significados, passa a fazer parte de nós. Este é um relato dos sabores e odores da cidade, tal como trazidos pela memória. A cidade tem cheiros e pode ser identificada por eles:

Aí eu fui removido para Barretos. Barretos era um cidadão. Eu custei a acostumar lá. (...) Eu gostava da cidade mas o frigorífico não era tanto. Você calcula que naquela época matavam dois mil bois por dia? Você sabe o que é isto? Os bois vinham de Minas, de Goiás, de Mato Grosso. Vinham por terra, atravessavam o Rio Grande e vinham tudo para o frigorífico. Dentro de Barretos tinha duas charqueadas, mas era dentro de Barre-

tos mesmo. E tinha um cheiro de carne cozida! Na época em que eu fui removido para Bebedouro foi um italianinho, Aldo Guerreiro chamava, também removido de Rincão para Barretos, mesmo serviço meu. Eu falava: “Aldo, eu não agüento esse cheiro de carne cozida”. Bebedouro, de onde eu havia sido removido, era só negócio de laranja. Era outro cheiro. O Aldo falava: “Chico, vamos lá no centro da cidade lá para cima. Lá quem sabe não tem esse cheiro de carne”. Ih! Chegava lá era pior ainda. A gente falava para aquelas meninas que pegava amizade: “Como vocês agüentam esse cheiro de carne cozida?” Eu nem podia ver carne na minha frente na pensão. Noite e dia aquelas duas charqueadas funcionando. A gente não agüentava aquele cheiro de carne. Aí foi indo, foi indo acostumei. As boiadas passavam pela cidade. De vez em quando estourava uma boiada dentro da cidade, fechavam todas as casas (Sr. Francisco, 80, Itirapina).

São Carlos era um grande centro do café e a cidade deveria recender a café. Entre os entrevistados não encontrei nenhuma referência aos cheiros da cidade. Fui encontrá-la em uma crônica escrita sobre a cidade:

Atravesso a praça (...) e vejo os bancos vazios e molhados, antigos bancos de granito doados à comunidade por fábricas e casas de comércio.(...) Noto o número dos telefones de apenas três algarismos —

arcaicos e superados telefones a manivela que se pregavam à parede (...). E tem um banco de uma torrefação de café que ainda existe e integrava meu trajeto de menino — de um menino que se comprazia em cheirar café torrado na hora, e a chaminé expelia o aroma do ouro negro e enchia o ar e a rua desse cheiro forte e bom (Kebbe, s/d, p.204).

Os cheiros da cidade provêm de suas atividades econômicas e se alteram quando essas se alteram. O cheiro tem história, portanto. Itirapina se integrou à economia do café, pelo entroncamento ferroviário, mais como um grande depósito de café. Nunca teve um conjunto de equipamentos de processamento de café como São Carlos. Cidade pequena, muito próxima das atividades rurais, dessas recebia os cheiros, acrescidos aos da lenha a queimar nos fogões que havia nas casas. As atividades domésticas, portanto, emprestavam seu cheiro à cidade:

Eu sinto o cheiro do ambiente onde vivi. Não sei se todo mundo é assim. Itirapina tinha cheiro de mato, de mato queimado. Queimavam muita lenha nas coisas. Cheiro de açúcar queimado na chapa mais ou menos. Cheiro agridoce. Cheiro de mato. Era gostoso. Quando você entra no mato e vem aquele cheiro... Itirapina era assim (Sr. Miguel, 74, Itirapina). E tinha um forninho no fundo do quintal. Todo mundo fazia pão em casa. Naquele tempo havia trigo, hoje não.

Não havia casa que não tivesse forno, e vinha aquele cheiro... A padaria fazia meia dúzia de pães. Não rendia à padaria (Sr. Miguel, 74, Itirapina).

A lembrança do cheiro que está na memória pode ser suscitada no presente por outros estímulos que não os cheiros. Em novembro de 1996, a TV Cultura levou ao ar um programa sobre migrantes italianos. Meu pai e minha mãe assistiram-no com prazer e interesse. Eu ouvia, de minha cama, o ruídos de seus sorrisos e os comentários rápidos carregados de prazer. No dia seguinte, de manhã, na hora do café, meu pai me contou o programa. Enquanto contava, olhava para a minha mãe, buscando comentários. Os dois estavam emocionados. Falaram do fazer o pão nos fornos redondos de barro que ficavam no fundo dos quintais, de como se o esquentava e de como se o varria com vassouras feitas com alecrim do campo para lhe dar cheiro. Minha mãe se lembrou que ia ao campo colher alecrim quando sua mãe fazia pão. Vieram-lhe lágrimas aos olhos: Tempos felizes, afirmou. Meu pai lembrou-se das pessoas que em Itirapina faziam pão. Fechou os olhos, inclinou levemente a cabeça para trás, o nariz voltado para cima, inspirou profundamente e disse:

Posso sentir o cheiro do pão assando. A cidade cheirava a pão. Sabíamos quando a Júlia fazia pão, lembra-se Magdalena? Agora a cidade não tem mais esse aroma. Não sentimos mais o cheiro de pão assan-

do (Sr. Victório, 87; Dona Magdalena, 75; Itirapina).

A racionalidade das cidades, a industrialização das comidas, vai tornando os cheiros homogêneos. Já se anunciavam, na infância dos entrevistados, a industrialização e a comercialização dos produtos caseiros, processo que já aparece na imprensa da virada do século em São Carlos com a propaganda de padarias e restaurantes, a ponto de, hoje, a cidade não mais cheirar a pão:

Era padaria lá. E era um pãozinho delicioso. Ele dava seis pães por um mil reis. Comprava cinco e vinham seis. Papai comia, gostava de comprar pão lá. A gente era todos crianças nessa época (Dona Edite, 75, Itirapina).

A cidade penetrava pela boca. Nela, os sabores se multiplicavam pelos restaurantes, confeitarias, bares, equipados com as novidades que podiam ser trazidas pela ferrovia do estrangeiro. Transformavam-se em pontos de encontro:

A São Carlos de hoje está malhada de lanchonetes, bares, restaurantes modernos, barracos com suas mesinhas, nas esquinas de algumas praças, etc, mas nada como o saudoso e antigo "Boulevard" da esquina da rua Major com a rua D. Alexandrina hoje.(...) Era o "Boulevard" uma casa comercial fora do comum, que atendia a todos com a maior camaradagem dispensando aquela cortesia do proprietário e funcionários. Localizado

na parte central da cidade, atraía as pessoas que desejavam deliciar-se com seus petiscos, refrigerantes e sorvetes. (...) Segundo consta, o “Boulevard” foi instalado com muito capricho pelo sr. Olympio Alexandre, que chegou a importar peças raras do estrangeiro, tornando o logradouro atraente e familiar. Espelhos enormes nas paredes, mesinhase cadeiras em quantidade, jogo de bilhar, cozinha de primeira completavam o moderno restaurante. Para maior brilhantismo, uma orquestra ímpar sob a orientação do saudoso músico De Senzi estava sempre presente alegrando a todos com suas músicas tradicionais. Bem de frente, junto à calçada, dois postes sustentavam uma tela branca na qual eram projetadas gravuras, slides e reclames comerciais. Um alto falante de propriedade do sr. Getulio Siqueira, localizado no prédio em frente, transmitia músicas variadas. (...) À noitinha — dos sábados, domingos e feriados, o quarteirão ficava repleto. A juventude empolgada promovia o tradicional “footing”. Nem avenida, nem jardim, atraía tanta gente. (...) Em 1932, o sr. Alexandre Romanelli adquiriu tal estabelecimento, já sem freguesia, sem bilhares e sem nome (Prof. Lima, 91, São Carlos).

A comida é associada às pessoas e aos lugares da infância e da juventude — o cinema, o circo, as festas de igreja — e, recentemente, à preservação das festas tradicionais:

O Noratão fazia pastel. Ele morava lá, em Itirapina, antes de atravessar a linha para ir ao cemitério. Fazia uns pastéis de palmito que eram uma delícia e vendia no cinema. A molecada embrulhava ele. “Oh! Bastião, eu não vou vender mais, não está dando lucro. Só perco”. Ele foi morrer em São Paulo, lá na Vila Maria. Noratão! Bom, velho bom! Tinha um senhor chamado Marcelino, preto também, ele morava na Vila Garbi, ele também fazia pastéis de palmito. Sabe qual era o palmito de que ele fazia pastéis? Ele ia buscar palmito indaiá onde agora é o Broa. Lá tinha muito palmito (Sr. Pedro, 80, São Carlos).

Tinha uma igreja maior na praça em frente. Era um areião só. Aquele largo da Matriz não tinha praça, não tinha nada. Mas tinha as festas de igreja. Tinha muita gente que armava as barracas de doce. Sempre teve festa de igreja. Nunca deixou de ter (Dona Lúcia, 80, Itirapina).

Chega o dia de Santo Antonio, ele faz a mesma coisa que o pai fazia — morreu recentemente, era marceneiro maravilhoso — enfeita o mastro, faz bandeirinha para enfeitar o lugar onde a gente vai ficar. E é amendoim torrado, paçoquinha, batata doce. Faz a festinha de Santo Antonio, como sempre foi feita (Dona Lurdes, 65, São Carlos).

A multiplicação dos sabores foi originalmente tornada possível pela presença dos migrantes, nas lembranças do meu pai, e pelas possibilidades

de comunicação e transporte trazidas pela ferrovia. Vinham sabores de outros países e de outras regiões do Brasil. Filho de migrante italiano, meu pai, à mesa, sempre procurava reconhecer as origens da comida que comia. Dizia que uma das grandes contribuições dos migrantes era a diversificação alimentar. Dizia que antes o brasileiro só comia feijão, mandioca e farinha. A comida estimulava a lembrança da infância e dos pais. Certa vez, em 1997, isto aconteceu frente a uma melancia servida como sobremesa após o almoço. A melancia lembrou ao meu pai a imigração norte-americana para a região onde está a cidade de Americana. Os norte-americanos vencidos na Guerra da Secessão teriam vindo para cá e trazido a melancia. Próximo à Americana está Louveira, para onde haviam ido alemães e italianos, cidade na qual ele morou quando criança. As recordações associam migrantes a comidas e a lugares. “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rara importância” (Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas, 1988, p.82):

Os alemães cultivavam verduras, uva e figo. Faziam chucrutz em barris. Punham o repolho lá e deixavam azedar. Vinha aquele cheiro gostoso!!! Eles davam chucrutz para minha mãe em bacia. Os italianos cultivavam uva e figo

e faziam vinho com os pés. Louveira era perto de Campinas, Jundiaí e São Paulo. Eles mandavam as frutas por trem para essas cidades. Meu pai contava que, na crise do café, não a de 29, uma antes, o fazendeiro chamou a ‘trigada’ e lhes contou que havia perdido tudo. Naquele tempo não tinha caixa nem banco. Os italianos davam o que economizavam para o fazendeiro guardar. E ele perdeu tudo com a crise. Mas chamou a ‘trigada’ e propôs pagar com a terra (...). Só no Brasil se come feijão pelo que sei. O milho é da América. Os índios já faziam bebida fermentada do milho. E os italianos, do fubá feito de milho, ensinaram a polenta. Os portugueses, a broa, misturando farinha com fubá. O bom fubá era feito de milho moído com roda de água. A roda que moía era de pedra, feita em Itu. A roda de água era feita de madeira. O carapina precisava ser muito habilidoso para fazer a circunferência e o último eixo era o principal. Carapina é carpinteiro. O Schmidt fazia muito bem. Peça colada sobre peça e ficava redondinha. O eixo de ferro era feito em Rio Claro. Precisava ver como girava aquela roda! (...) O fubá feito na roda d’água é mais gostoso do que o feito na moenda movida a eletricidade. A eletricidade esquentava e queimava o milho. O fubá de roda d’água não. Sai frio. É mais gostoso. (...) Os políticos tradicionais brasileiros não apreciavam a migração, seus costumes, o sistema de comida. A variedade de comida aqui era pequena.



Foram os migrantes que a expandiram (Sr. Victório, 87, Itirapina).

Em uma manhã de fevereiro, minha mãe comprou, à porta, queijo caipira, queijo mineiro. Meu pai, com 87 anos, ao comê-lo, comentou que aquele queijo não tinha massa, ao contrário de um queijo que vinha de Conquista:

Quando eu morava em Campinas, era criança, nos tempos da ferrovia, quando havia a ferrovia, os empregados da Mogiana traziam jacas de 30, 40 queijos de Conquista, no tênder de linha. Era proibido fazer isto. Os inspetores chegavam, olhavam e não viam o queijo porque ele estava no meio da lenha. Assim os empregados ganhavam um pouco mais revendendo o queijo. Quando o queijo estava curado demais, para usá-lo na macarronada, passava-se nele colorau, para dar cor, pimenta do reino e óleo. Deixava-se o queijo descansar uns dias para enxugar mais. Depois de uns dias estava no ponto de ralar. Hoje não sei se a Mojiana corre para lá. Antigamente corriam trens a vapor até Uberaba, Itanhandu. Itanhandu e a Serra de Palmira também tinham queijos famosos. Lá é que se preparava um queijo duro, para macarronada, para sopa. Depois o Rio Grande do Sul começou a produzir o queijo gorgonzola. O queijo gorgonzola era italiano. O queijo gorgonzola ficou célebre pelo mau-cheiro e pelo bolor. A Argentina também começou a produzi-

-lo (Sr. Victório, 87, Itirapina).

Um novo jeito de ser produz do milho, original da terra, broas e polentas. Queijos mineiros curados demais, italia- nizados com colorau, feito de urucum (do tupi uru'ku) que vem do urucuzeiro, misturam-se às macarronadas. Cheirando a chucrutz, a melancia completa a mesa de feijão, farinha de mandioca e carne seca. Feijoada. Marmelada, goiabada, pessegada, figada: quatro em um. E mais: quibe, quindim, puchero, azeite, sorvete, vinho. Coisas da terra e de outras terras. "Uns com os outros" diversos. Viver se diversifica. Comer é comungar.

Parte II - Memórias de cidades: divertir-se...

Há lembranças de diversões comuns não comuns a homens e mulheres. Algumas das diversões comuns propiciaram encontros, namoros e casamentos. Os homens lembram das conversas nos armazéns quando discutiam política e das serestas, às quais se dedicavam e para as quais as mulheres eram ouvidos atentos e carinhosos. O sr. Pedro lembrou os seresteiros, amores proibidos e o agrado à mulher após uma noite na rua:

Naquela época tinham os seresteiros. Vou lembrar alguns deles. Euclides Pereira, o Doca, pai do Osvaldo. Tocava muito bem violão. Tocava um Abismo

de Rosa que você até chorava! Maneco Padeiro na flauta. Totó, era um preto, tinha um violão de oito cordas. Zé Esteves tocava sanfona. Olimpio, meu pai, tocava chocalho. Todo sábado tinha serenata. Saíam para a rua todos eles. Voltavam de madrugada. Meu pai chegava em casa trazia marmelada embrulhada, toda cheia de terra. Chegava lá e eu escutava de meu quarto : “Oh! Cintinha, trouxe para você aqui”. Descendo a Avenida Um até lá embaixo, lá tinha uma tal de Graziela. Meu tio, Doca, salivava por ela. O marido deu um tiro na perna dele. Tinha um tal de Tônico Esteves, ele também acompanhava. Ele cantava, não sei se lembro: A baratinha lô lô, A baratinha lô lô, a baratinha bateu asas e avoou. Essa era do Tônico Esteves, também guardatrem, morreu lá em Cordeirópolis. Depois tinham aqueles que só acompanhavam e bebiam e alegravam a cidade. Tinha o Paulino de Graúna, tocava viola; tinha Dito Fura-fura, Perigoso. Alegravam a rua! (Sr. Pedro, 84, São Carlos).

O prof. Nelson foi seresteiro. No dia em que o entrevistei, o bandolim que sempre o acompanhou estava ao lado do sofá. E ele tocou para mim “Rapaziada do Brás”, “Abismo de Rosas”... dando-me não só o relato de suas memórias mas o som das melodias que o acompanharam.

Quase sempre, durante a tocata, abria-se uma janela e alguém aparecia oferecendo café, ou senão, lá dentro de

casa, ouviam-se os resmungos de pessoas que pediam que fôssemos embora, pois não gostavam de música. Estavam sabendo que a serenata não era para eles e sim para suas filhas que faziam questão de ficar acordadas esperando aquela surpresa agradável (Prof. Nelson, 91, São Carlos).

A luz elétrica, o barulho que invade a noite acabaram com as serenatas:

As serenatas foram se acabando. O Luiz fazia umas serenatas muito bonitas. Tocava clarineta e saxofone muito bem. Eram essas valsas antigas: Branca, Rapaziada do Brás, Aurora. A gente acordava, às vezes, estava longe tocando. Então a gente ficava atenta: “Daqui a pouco o Luiz vem para cá”. E ele vinha mesmo, vinha tocando, com o Bastião Sampaio junto. Era um tempo bom. Agora não tem mais serenata. Não tem mais silêncio à noite. É tudo uma agitação. A cidade era mais calma. A serenata precisa do silêncio, as pessoas precisam tocar com sentimento (Dona Lúcia, 80, Itirapina).

As mulheres se lembram das conversas à tardinha e à noitinha sentadas nas calçadas, das visitas, quando se discutiam os problemas com os filhos e trocavam-se receitas. Lembram-se também das procissões e de outras atividades da igreja:

São coisas que deixam a gente com saudades daquele tempo bom que jamais voltará. A gente era vizinho do Pedro dos Santos. A mesma quantidade

de filhos que tinha o seu Pedro o meu pai também tinha. E ele tinha só uma mulher também. A gente morava defronte e era engraçado. As famílias, igualzinhas. Os vizinhos parece que eram sinceros, mais do que agora. Os vizinhos eram sempre muito bons. (...) Quando não, sentava todo mundo na porta da rua, e os meus irmãos chamavam o Guimarães, com quem tinham muita amizade. Ele tocava muito bem violão, ele sentava na porta e tocava violão. Muitas vezes a Dalva (de Oliveira), era mocinha, cantava muito bem, ela cantava. Ajuntavam todos os vizinhos. Ficava todo mundo sentado perto da minha casa até tarde da noite. Meu irmão tinha marcenaria pegado à minha casa. Os rapazes ficavam todos ali, até tarde. Foi uma época muito boa. Depois de 63, logo o Luiz morreu. As serenatas foram se acabando (Dona Lúcia, 80, Itirapina).

Velha catedral! Rodeada de jardins maltratados, só de gramas, mas onde à noitinha as crianças brincavam de cabra-cega ou Senhora Dona Sancha, enquanto os vizinhos se reuniam nas calçadas com suas cadeiras para conversas amenas ou doces namoricos dos mais jovens! Era nessas conversas que as comadres trocavam suas receitas de quitutes como galinha de cabidela, frango ao molho pardo ou o segredinho de fazer as leitoas ficarem com o couro todo pururuca! Ai os meus doces de tão doces lembranças: quindins, nos quais se usavam 24 gemas! Ou “babas de

moça” e saborosos pudins: de mandioca, queijo e côco! (Dona Laís, 77, São Carlos).

Dona Carla revive, hoje, nas aulas de tricô e nas reuniões semanais da igreja, as trocas de receita de comida e de doces, misturadas com a troca de receitas de tricô:

Ando bastante, vou lá na parte do comércio, vou muito nas lojas. Mesmo na igreja nova, na catedral, a gente tem um grupo que faz tricô para os pobres. Toda quinta-feira a gente se reúne, faz tricô para os pobres, no tempo de inverno distribui as malhas feitas. Ação católica... Quarta-feira eu vou à aula de tricô. Trocar prosa com quem tem mais afinidade, trocar receita de tricô, de comida, de doce. Uma fala de um ponto, outra já tem outro diferente, um arremate diferente. Eu aprendo muita coisa lá. É uma distração, uma higiene mental. Você vai lá, conversa coisa diferente, dá receita de comida, dá receita de doce, conta um caso diferente. A gente passa aquelas horas que nem percebe. Coisa antiga que ficou! (Dona Carla, 80, São Carlos)

Diversões comuns eram as visitas para se conversar e se ouvir rádio, o carnaval, o circo com seu velho refrão “O palhaço, o que é?” e o cinema:

Janelas, janelas que significam para nós? (...) Acontece que eu tive uma janela particular, somente minha. (...) Desse lugar eu via tudo o que se passava

na rua. (...) Desfiles, cursos carnavalescos, passeatas de protestos, procissões, brigas correrias, estudantadas, cachorros vira-latas, namoros escandalosos (...). “Antigamente”, ali mesmo na esquina, eram realizadas as procissões de encontro nas madrugadas de Domingo da Ressurreição. O Vigário, do alto da sacada de um sobradinho da esquina da Padre Teixeira (agora demolido), dirigia-se solenemente ao público que, circunspecto, ouvia as palavras escla-recidas. (Prof. Nelson, 91, São Carlos)

Eu me lembro do Rodolfo Valentino, um bom ator de origem italiana. Ele fez o papel de um toureiro que foi morto ao final pelo touro na arena. O sangue do toureiro se misturou às areias da arena. Quando ele morreu, talvez assassinado, produziu-se pelo mundo uma onda de suicídio. Lembro das produtoras de cinema: a Fox, a Metro, com o leão rugindo, a Paramount, com uma montanha encimada por estrelas, a United Artists e outra pequena produtora que só fazia faroestes. Era muito bom assistir aos faroestes, produções pobres que só aconteciam para entreter a garotada. E as grandes produções: Quo Vadis, Ben-Hur, Os Dez Mandamentos. Desapareceram as salas de cinema. Veja em Rio Claro: o Cine Variedades hoje é Igreja Evangélica. Era tão bom sábado à tarde se preparar para o cinema! (Sr. Victório, 87, Itirapina)

Das diversões comuns a homens e

mulheres, destacam-se os footings e as retretas nos jardins que faziam casais e resultavam em casamento:

A Avenida Um era uma delícia! Aos sábados e domingos a gente fazia o footing na Avenida Um das sete às oito, oito e meia. Depois todo o mundo subia para a estação para esperar os trens que chegavam. (...) Quem passasse no trem pensava “essa cidade é enorme”, de tanta gente que ia para a estação. Às vezes tinha jogo de futebol, os jogadores iam à noite embora, a gente ia na estação para vê-los ir embora. Uma vez um moço jogou um papelzinho para mim, que ele ia voltar para cá. Pensei: “Ah, se ele soubesse que eu não posso sair de casa!” Depois voltávamos, e entrávamos no clube para dançar. Quem não queria dançar ia para o cinema. A estação era importantíssima (Dona Lúcia, 80, Itirapina).

A cidade de Taquaritinga tinha o alto-falante que tocava muitas músicas de Carlos Gardel, embora ele tivesse morrido, mas tocava muitas músicas argentinas, Nelson Gonçalves, Chico Alves, Celestino. Aqueles som tão alto que se ouvia na cidade inteira à noite! Usava-se muito isso. Cidade pequena, o alto-falante no poste lá a todo vapor. A cidade inteira ouvia. E só à noite. Era assim (Sr. Olímpio, 70, Araraquara).

Ao se recordar os footings, recorda-se a aproximação entre homens e mulheres:

Aqui em Itirapina eram só bailes,

cinema e o passeio na Avenida Um. Assim também era em Rincão. O footing era na rua principal. No jardim só se ia em dias de festa da igreja, quermesse. Mulheres e homens ficavam subindo e descendo. Metade da rua subia, metade da rua descia. Aí os olhares se trançavam. As mulheres não ficavam paradas, só os homens ficavam parados na rua (Sr. Hugo, 77, Itirapina).

Em um primeiro momento, os olhares se trançavam. O homem, então, avaliava a possibilidade de aproximação. Em um segundo momento, o homem tentava a aproximação, com a típica pergunta: Pode ser ou está difícil?

Eu me casei com 26 anos. Eu encontrei minha mulher em Araraquara. O lugar que o pessoal encontrava muitas namoradas, você já ouviu falar em footing? Aqui o footing era em frente à prefeitura. Tinha um jardinzinho, o pessoal descia pela calçada e subia pelo jardim. Os moços ficavam mais parados e as moças circulando. Então a gente ficava olhando qual é que interessava e elas a mesma coisa. Aí, quando dava certo, vinha aquele negócio “pode ser ou está difícil?” Às vezes estava difícil (Sr. Olímpio, 70, Araraquara).

Na década de 80, entrevistei, em Rio Claro, um barbeiro com 60 anos, que havia trabalhado como ferroviário, em Rio Claro e em outras cidades levado por sucessivas remoções. Aposentado, separado da mulher, os filhos crescidos e independentes, retornou a Rio Claro com

vontade de arrumar uma companheira. No primeiro fim-de-semana que lá passou, se arrumou e foi esperançoso para o jardim. Não havia mais footing. Ele me perguntou: Onde hoje um homem pode arrumar uma namorada?

Acabados os footings, outros pontos de encontro foram criados: barzinhos, clubes, escolas, para os jovens e, para os velhos, os clubes da terceira idade:

Estou com ela há cinco anos. Somos companheiros... não, somos parceiros de baile, de viagens. Frequentamos o Grupo da Terceira Idade. Aqui eu danço só com ela e ela só comigo. Já abandonei salão de baile porque ela dançou com outro. Não gosto disso. Minhas filhas sabem; os filhos dela também. Mas não moramos juntos (Prof. Nelson, 91, São Carlos).

Lembrança de homens mostraram também relação entre homens e um tipo especial de mulher: a prostituta. A destruição da casa onde funcionava o cabaré da antiga zona de prostituição em São Carlos valeu uma crônica do Prof. Nelson, que escrevia crônicas e poesias sobre a cidade na velha máquina e na velha mesa que o acompanharam a vida toda:

Eu vou contar uma coisa para a senhora. A senhora é moça mas no fim a senhora vai ficar sabendo. Aqui em São Carlos, a Rua São Joaquim era rua das mulheres da vida (...) era, como se diz, zona, onde as mulheres ficavam lá e os homens

e tal... Você já sabe, né? Ninguém gostava de passar naquela rua: “não passa na rua porque a rua tem isso e tem aquilo”. Não tinha nada, nada demais, queria passar, passava. (...) Então eu passei há um mês atrás lá e vi que derrubaram uma casa da esquina. Fiz uma crônica. Escrevi sobre a casa. “Passando pela rua tal, tal, vi os escombros, restos mortais de uma casa na rua tal e tal. O que acontecia lá? Era um cabaré. Aquela esquina foi um cabaré. Eu falei: “foi um cabaré”, mas não pus os nomes das pessoas que a freqüentavam, não. Agora, derrubaram.(...) Estão lá os escombros” (...) Saiu em dois ou três jornais e muita gente falou: “Oh! professor! O senhor me fez lembrar do meu tempo!” Eu conheci. Música, orquestra boa, mulheres bonitas, nem sabe de onde vinham, apareciam lá. Bonita a mulherada! Vinham de onde não sei. De Araraquara, por aí afora. Era muito freqüentado, freqüentado por gente grossa. Dali muita gente lembra. Quem ainda é vivo lembra. Esses que leram a minha crônica falaram emocionados: “Oh! Lima, você recordou!” (Prof. Nelson, 91, São Carlos).

As lembranças trazidas pelos escombros do prédio e as reações dos homens à crônica publicada são significativas. Eles se reconhecem e se identificam nas lembranças. Fazem parte de uma “comunidade do prazer”, do interdito a algumas mulheres, do permitido a todos os homens. Há os que não buscaram encon-

tros presentes, mas simplesmente reviver os encontros passados, com saudade, levados por um cheiro, um sabor, uma imagem, um som:

Eu gosto dessa música dos violeiros velhos porque é tudo caso acontecido ou que pode acontecer. Tem uma realidade, contam uma história. Elas me levam ao meu tempo de criança, e, nesse tempo, falam do futuro da criança que eu era. (...) Eu gosto de violeiro antigo. Todo dia eu estou aqui sozinho, aborreço ficar sozinho, não tenho o que fazer no quintal, sento aqui e ponho o disco e fico escutando. Tenho Abel e Caim, Tônico e Tinoco, Lorenzo e Lourival. Tenho um que me deram aí do Chitãozinho e Xororó, são novos. São umas músicas que não tem sentido, não fazem significado (Sr. João, 90, São Carlos).

O relato da vida é orgulhoso da construção da casa, da família, da carreira, da amizade, da cidade. O encontro da felicidade no passado deve-se à dimensão acolhedora das relações sociais que fica ofuscada pelo caráter coercitivo dessas mesmas relações quando elas são vividas. Pela memória, essas relações podem ser revividas no que tiveram de acolhimento, de amizade, de afetuoso cuidado. Não tivéssemos vivido essas relações, não teríamos, na memória presente, um passado acolhedor ao qual retornar.



O Desafio da Longevidade e o Suporte ao Cuidador

MARIA DAS GRAÇAS SOBREIRA LEAL
PSICÓLOGA. DOUTORA EM PSICOLOGIA CLÍNICA
PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE S. PAULO.
DIRETORA DO IDEA - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL APLICADO.

“Cuidar é uma atitude de amor e interesse por outra pessoa. Cuidar de alguém é geralmente considerado um atributo positivo – um sinal de comportamento maduro e civilizado. A capacidade de uma sociedade cuidar de seus membros menos afortunados é a marca do seu desenvolvimento”.

(Brotchie, J.& Hills, D. Equal shares in caring. 1991:33)

INTRODUÇÃO

Quando somos jovens, adultos ou mesmo maduros, pensamos que vamos viver assim para sempre. No entanto, o caminhar da existência continua e, hoje, menos raramente do que se possa pensar, alcançamos 80, 90 anos, chegando à Quarta Idade.

... A virada do século deverá encontrar o Brasil com 8,7 milhões de pessoas com 65 anos e mais (...) Isto quer dizer que 01 em cada vinte brasileiros residentes no país será idoso. Vinte anos mais tarde, essa relação será de 01 para 13 (...) (Berquó, apud Neri e Debert, 1999:38,39).

O importante é saber que o conhecimento sobre esse processo já nos permite planejar um envelhecer saudável. Não podemos associar doenças e morte com o envelhecimento, uma vez que é possível prevenir e “empurrar” as doenças para bem mais tarde, ou talvez nunca tê-las. Estamos vivendo a plenitude e o sabor de uma saudável terceira idade. Contudo, como está a nossa preparação para o aumento da longevidade? Como lidar com doenças crônicas ou com dependência física?

As pessoas estão vivendo mais e uma maior longevidade carrega em si determinada fragilidade. O fato é que as pessoas idosas são mais suscetíveis às doenças em geral, e às doenças crônicas em particular.

Conforme parcelas crescentes da população conseguem atingir idades mais avançadas, aumenta, é óbvio, o número de casos de doenças do tipo crônico-degenerativo, já que a incidência, em geral, é maior entre as pessoas idosas (Yazaki e Saad, 1990: 125).

Segundo Veras (1994), o aumento da expectativa de vida altera o perfil de morbidade da população. A tendência é, a curto prazo, a formação de uma população idosa que, uma vez atingida por doenças crônico-degenerativas, sofre como consequência a perda de independência e, necessariamente, irá viver dependente de terceiros. Portanto idosos, por apresentarem proporcionalmente mais episódios mórbidos do que a população adulta em geral, são acometidos por doenças incapacitantes, tornando-os, em sua maioria, pacientes crônicos, exigindo cuidados constantes.

A consciência do que poderá acontecer nos orienta e ajuda na prevenção. Em algum ponto de nossas vidas, a maioria de nós vai se deparar com a necessidade de cuidar de alguém ou até mesmo de ser cuidado. E quem irá dar suporte para a realização deste trabalho? Esta é uma reflexão difícil, mas não podemos nos furtar a ela. A relação paciente/cuidador, implica exigências específicas quer do cuidador, quer do paciente. É interessante pensar sobre elas.

Se alguém próximo (pais, esposo, irmão, filho) fica doente ou incapacitado,

o familiar gostaria de:

- poder escolher se irá ou não aceitar a responsabilidade de cuidar diariamente dessa pessoa;
- avaliar se terá condições de continuar a viver com seu trabalho;
- receber suporte para uma assistência financeira, médica e de outros profissionais requeridos pela enfermidade;
- receber assistência psicológica durante e ao término dos cuidados;
- obter orientação sobre a doença e ajuda prática no cotidiano;
- conseguir intervalos regulares de descanso e de noites bem dormidas;
- ter acesso, junto com a pessoa assistida, a alguma facilidade de lazer, compras e transporte.

Por outro lado, a pessoa que está sofrendo de uma doença crônica ou de alguma dependência física gostaria de:

- participar da decisão de como será tratada (custos/benefícios/riscos), e não ser só comunicada/orientada;
- ser capaz de levar uma vida independente (dentro do possível), e ter acesso a uma emergência médica, se preciso;
- escolher quando suas necessidades pessoais podem ser atendidas por um membro da família ou por um profissional pago;
- ter a oportunidade de “ganhar a vida”, ao invés de depender financeiramente só da previdência social e do amparo familiar;
- ter acesso a uma vida normal com inde-

pendência e autonomia, mesmo que com alguma ajuda;

- viver em acomodações adaptadas às necessidades físicas;
- ter informações sobre suas condições de saúde e de como melhorá-las para facilitar sua vida.

Todas as pessoas gostariam de ter satisfeitas essas exigências, mas nenhuma delas é automaticamente providenciada. Decorre, pois, que a experiência de estar incapacitado ou de se tornar um cuidador gera uma mudança radical na vida das pessoas e é, muitas vezes, acompanhada de muito sofrimento.

Um dos critérios de elegibilidade para a admissão do paciente ao serviço de Assistência Domiciliar, providenciado pela rede oficial ou entidades privadas, é a presença de um familiar responsável e disponível para participar ativamente dos cuidados a serem dispensados, e principalmente para dar continuidade a esses cuidados mediante orientação e treinamento.

Em geral, a pessoa é escolhida por características que denotam sua atenção às necessidades do paciente, demonstrando espírito de solidariedade para iniciar um trabalho que, na maioria das vezes, não escolheu. Nos manuais de Atendimento Domiciliar aparecem algumas condições que indicam o perfil de elegibilidade de um cuidador familiar. É interessante notar que estas prescrições ao papel do cuidador são definidas sem

mencionar o suporte para o cuidador realizar as complexas tarefas dessa função.

Assim, o membro da família que estaria apto a cuidar deve ter disponibilidade para tanto, bem como disponibilidade para receber o treinamento adequado. São observadas sua firmeza nas atitudes e sua abnegação em colocar a necessidade do outro em primeiro lugar. Também se leva em conta sua capacidade de tomar medidas preventivas e seus anseios por orientações pertinentes; fatores estes que indicam sua adequação a cuidados como higiene, alimentação, vestuário, medicação, curativos, tratamento de escaras; enfim, sua adequação à continuidade do tratamento no domicílio do paciente.

O CUIDADOR FAMILIAR

A pessoa tem que pôr em primeiro lugar o amor. Cuidar daquela pessoa com amor. Porque o amor, ele te traz a paciência, ele te traz o carinho, ele te traz tudo (Rose, cuidadora. In: KARSCH, U. S. – org - Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores. 1998:136)

Por imposição ou escolha, o cuidador familiar é aquele que põe a necessidade do outro em primeiro lugar. Geralmente é tão pressionado por necessidades imediatas, que esquece de si mesmo e é modesto em suas demandas. Dir-se-ia que “não tem escolha”. É relutante em falar sobre suas dificuldades e em não parecer desleal à pessoa da qual cuida.

Outros são tão agradecidos por pequenas ajudas conseguidas, que não querem fazer críticas, mesmo as construtivas. Existe uma tradição familiar para que o cuidador seja mulher, e esta na maioria das vezes já está sobrecarregada por outras tarefas. “Cuidar” não é uma tarefa fácil: exige uma mudança radical na vida de quem cuida, e também demanda a execução de tarefas complexas, delicadas e sofridas. Em muitos casos, o cuidador é também uma pessoa frágil, já em idade de envelhecimento ou em vias de ficar doente. O cuidador sem suporte pode ser o futuro paciente.

A literatura sobre cuidadores tem revelado alguns fatores (em ordem de importância) que determinam quem será o cuidador, conforme Sinclair (1990, apud Qureshi e Simons, 1987):

- parentesco - com frequência maior para os cônjuges, antecedendo sempre a presença de algum filho;
- gênero - com predominância para a mulher;
- proximidade física - considerando quem vive com a pessoa que requer os cuidados;
- proximidade afetiva - destacando a relação conjugal e a relação entre pais e filhos.

A prática tem mostrado também que não se trata de uma opção, mas, na maioria das vezes, de uma imposição das circunstâncias, como a indisponibilidade de outros cuidadores potenciais. A pessoa torna-se cuidadora no processo de cuidar; inicia com uma ajuda e não consegue sair

desse papel.

Quanto mais o cuidador se envolve, mais os não-cuidadores se desvencilham, muitas vezes pelas ameaças que esse tipo de trabalho pode conter, ou seja, comprometimento sem fim; mudança na vida pessoal; readaptação da casa ou mesmo mudança de casa; desarmonia familiar como consequência do papel de cuidador; peso das tarefas; doenças devido às exigências do trabalho e às características do paciente, que podem estressar o cuidador; insegurança quanto a procedimentos e prescrições da equipe; responsabilidade por equipamentos/medicamentos; falta de paciência, de segurança nos procedimentos de enfermagem; ausência de informações sobre a doença, de ajuda prática, de treinamento, de apoio físico, psicológico e financeiro; e finalmente ausência de saúde pessoal para enfrentar a rotina exigida.

Atitudes e sentimentos para o cuidar são ambivalentes. Embora o cuidar seja uma causa maior, pressupõe um baixo status como trabalho (pago ou não). Atitudes sociais discriminatórias, direcionadas aos cuidadores, podem ser influenciadas por aquelas associadas aos deficientes físicos que sofrem o estigma da não-inclusão na sociedade. Talvez, por associação, os cuidadores dividam esse mesmo estigma.

Segundo Mendes (1995), ao cuidar de um ente próximo que se torna dependente, há uma turbulência de sentimen-

tos, como amor, pena, alívio, culpa, e até mesmo de revolta pela dependência do outro. Como nos casos de dependências crônicas não há volta à relação anterior, os sentimentos passam a ser redefinidos, bem como os projetos de vida. É o caso de esposas e filhas, sempre subalternizadas na hierarquia familiar.

PESQUISANDO CUIDADORES

A figura do cuidador, alvo de estudos e pesquisas em outros países, tem sido ignorada no Brasil pelo governo, na falta de estruturas para o auxílio de seu trabalho; pela família, devido à baixa valorização dessa função (muitas vezes concentrada em uma só pessoa); e também por pesquisadores, em parte pela falta ou pela escassez de recursos para conduzir as investigações, ou mesmo pela dificuldade em vislumbrar perspectivas para a utilização dos resultados (Leal, G. e Karsch, U., in: Karsch, U. (org.) 1998:22).

Em um interessante trabalho, intitulado *Twenty-five years of research about cares – Where now?*, Abendorff e Challis (1990) discutem as pesquisas realizadas até então sobre cuidadores; analisam a metodologia usada; e apontam a direção de futuros estudos sobre o tema. Segundo esses autores, as pesquisas nesta área passaram por diferentes etapas. Inicialmente por estudos descritivos das características dos cuidadores e das tarefas realizadas, situando-se neste nível as pesquisas

exploratórias e as de levantamento para definir o perfil de um cuidador. Em um segundo momento viriam as pesquisas explanatórias, enfocando os diferentes tipos de estresse, ocasionados pelas tarefas de cuidar. E finalmente as investigações de avaliação dos serviços e das intervenções oferecidas para este grupo.

Em um editorial do *The gerontologist* (1989), Zarit discute as diferentes categorias dos estudos sobre cuidadores e sugere pesquisas mais aprofundadas, embasadas em estudos explanatórios e de avaliação.

Para uma visão mais precisa das necessidades e do atendimento aos idosos dependentes, é interessante conhecer a revisão da literatura americana, feita por Williams (1994), que engloba a definição de conceitos e as principais pesquisas, analisando instrumentos de avaliação e discutindo programas implantados.

Os critérios para o planejamento de pesquisas sobre pessoas que envelhecem no Brasil têm sido discutidos por Veras e Dutra (1993), Veras et al. (1988), entre outros, demonstrando a importância de se levar em conta a heterogeneidade da estrutura social, econômica e demográfica em que se inserem os diferentes grupos de idosos. Da mesma forma, os cuidadores dos idosos com incapacidade física ou mental também apresentam características diversas, refletindo todo o contraste econômico e a desigualdade social, que requerem considerações

especiais no desenho de projetos para a sua avaliação.

Uma publicação sobre este tema, e que merece uma análise, é a obra *Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores* (1998), que teve origem na pesquisa intitulada *Estudo do suporte domiciliar aos adultos com perda de independência e perfil do cuidador principal*, realizada pela PUC/SP – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social e NEPE - Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento, tendo sido executada por um grupo de pesquisadoras e coordenado pela Prof^a Dr^a Ursula M. S. Karsch. Esta investigação permite conhecer, dentro de uma perspectiva longitudinal, as dinâmicas do processo de cuidar de pessoas, que estão envelhecendo com dependência numa metrópole brasileira.

SUPORTE AO CUIDADOR

Ao invés de focar a incapacidade ou a doença crônica como um problema individual, torna-se necessário focalizar uma sociedade deficiente que permite a exclusão de seus membros “diferentes” do curso normal das atividades. A ausência total de facilidades para cuidadores e pessoas incapacitadas é que faz essa dependência parecer uma “tragédia” para ambos. A ausência de suporte em todos os níveis para o cuidador e de facilidades para o paciente, como rampas, telefones baixos, banheiros adaptados, estaciona-

mento privativo, transporte, informação disponível e atividades acessíveis, provoca um isolamento de ambos na sociedade e dificulta o progresso do tratamento.

A assistência aos cuidadores familiares de pacientes crônicos/ dependentes deveria ser preocupação de todos. O cotidiano dos pacientes e do cuidador poderia se tornar mais fácil com reformas no meio ambiente urbano-habitacional e com uma política sócio-econômica adequada para este grupo. Caso contrário, o futuro para essas pessoas será sem expectativas de melhora, reproduzindo-se assim as condições que impedem sua inserção social e uma qualidade de vida digna.

Trata-se de imprimir um caráter público às ações que vêm sendo realizadas pela família no reduto dos lares, ou seja, em caráter privado. Não se pode esquecer que, quanto maior for o tempo de duração dos cuidados, pior será a qualidade de vida do cuidador.

Um cuidador orientado e com supervisão adequada deve preservar a sua saúde física e mental, e simultaneamente incentivar o paciente a obter independência funcional nas atividades diárias; autonomia mental para decidir e fazer planos; e aderência ao tratamento e aos autocuidados, promovendo assim sua saúde e sua participação social. Isto significa, sem dúvida, uma redução nos níveis de isolamento e uma melhora na qualidade de vida.

Eis então o momento em que entra o trabalho de orientação e de treinamento para cuidadores, promovidos por uma equipe multidisciplinar. Como afirma Daichman (1996:92): não existe nenhuma profissão relacionada à saúde e aos cuidados do idoso que possa cobrir todo o espectro das necessidades e oferecer todas as respostas. A família, em algumas enfermidades, necessita de informações detalhadas e de suporte psicológico para compreender a evolução da doença e ajudar o cuidador principal, como nos mostram Goldfarb e Lopes (1996:36): O isolamento e a sobrecarga levam o cuidador a situações de stress, provocando diferentes transtornos de saúde e, como conseqüência, uma diminuição das qualidades dos cuidados oferecidos ao paciente.

Na verdade, muitas das orientações à família sobre a doença, em toda gama de variáveis que isso possa significar, deveriam ser dadas ainda no hospital, inclusive sobre a perda de independência e/ou autonomia - se houver - por parte do paciente. Um manual publicado pela NOVARTIS - Informações para família e cuidadores (Leal, 1996) -, dentre inúmeros outros, já oferece apoio para o início dos cuidados e acompanhamento para o tratamento, no caso de pessoas acometidas por Acidente Vascular Cerebral. Muitas famílias ou pacientes, por medo e insegurança, acreditam que o hospital é a sua proteção, ignorando os riscos de

infecções hospitalares, aos quais estarão expostos quando de uma internação.

A complexidade inerente à alta hospitalar e aos projetos de Assistência Domiciliar demanda que o suporte ao cuidador deva ser iniciado ainda durante a internação do paciente, para avaliar as possibilidades ou dificuldades a serem superadas na volta para casa.

Assim, a Política Nacional de Saúde do Idoso, com base na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, refere que:

Para o desempenho dos cuidados a um idoso dependente, as pessoas envolvidas deverão receber dos profissionais de saúde os esclarecimentos e as orientações necessárias, inclusive em relação à doença crônico-degenerativa com a qual está eventualmente lidando, bem como informações sobre como acompanhar o tratamento prescrito. Essas pessoas deverão, também, receber atenção médica pessoal, considerando que a atividade de cuidar de um adulto dependente é desgastante e implica riscos à saúde do cuidador. Por conseguinte, a função de prevenir perdas e agravos à saúde abrangerá, igualmente, a pessoa do cuidador (1999:18)

Outra medida tomada pelo Governo, e que vem trazer benefícios para essa parcela da população é a recente Portaria Ministerial Nº 280, de Abril de 1999 do Ministro José Serra, que dispõe no seu Art. 1º Tornar obrigatório nos hospitais

públicos, contratados e conveniados com o Sistema Único de Saúde - SUS, a viabilização de meios que permitam a presença do acompanhante de parentes maiores de 60 anos de idade, quanto internados.

O Ministério da Previdência e Assistência Social juntamente com o Ministério da Saúde promulgaram também a Portaria Nº 5.153, de 07 de Abril de 1999, que resolve:

Art.1º Instituir o Programa Nacional de Cuidadores de Idosos a ser coordenado por Comissão Interministerial, com o objetivo de criar alternativas que proporcionem aos idosos melhores condições de vida, atender integralmente ao idoso e sua família, reduzir o percentual de idosos institucionalizados e habilitar recursos humanos para cuidar do idoso.

Algumas considerações podem ser feitas como sugestão ao cuidador, para que ambos, ele próprio e o paciente, possam gozar nos limites de suas potencialidades uma qualidade de vida saudável. Assim, não é indicado que o familiar realize atividades que o paciente pode fazer; também não é aconselhável que se tenha pressa para terminar as atividades. É importante reconhecer que um ambiente adequado para locomoção e transferência evita quedas e permite incentivar o paciente a participar de atividades domésticas. Sugere-se estimular uma sociabilidade prazerosa, dentro das possibilidades e dos interesses do paciente, como a presença de companhia, a realização de visitas e

o cultivo de amizades. Sugere-se ainda valorizar e incentivar sempre as atividades realizadas pelo paciente. Além de buscar toda ajuda e orientação para evitar estresse, não esquecer de incluir na rotina diária intervalos de descansos regulares.

As estruturas de suporte em saúde pública ou em termos de comunidade, no Brasil, ainda se mostram frágeis, sem constituir uma rede de apoio organizado e sistemático. O cuidador, na maioria das vezes, “trabalha sozinho”.

Independente das medidas governamentais, já existem associações e organizações que lutam por essas conquistas; mas só haverá mudanças quando planejadores - políticos, arquitetos, engenheiros, médicos e outros - pensarem na questão com propostas e ações efetivamente eficazes e eficientes.

AJUDA COMUNITÁRIA

O que tem ficado claro, através da experiência em outros países, é a grande contribuição dos agentes comunitários (vizinhos, voluntários, associações) na solução de muitos problemas sociais. A ação comunitária tem apontado a muitos governos o caminho onde investir, garantindo uma distribuição mais justa dos recursos.

A ajuda comunitária pode se manifestar de várias maneiras; mas uma das linhas de ação por onde este suporte poderá seguir prevê:

Prevenção: estimula-se o autocuidado - o cuidar da saúde física e psicológica; incentiva-se a independência e a autonomia das pessoas para que elas mesmas garantam o seu bem-estar e a sua qualidade de vida, evitando a dependência e a necessidade de um cuidador.

Cuidador Informal: situa-se na família e entre os amigos daquele que necessita de ajuda. É o cuidador que precisa de apoio para continuar cuidando; de orientação sobre a enfermidade; além da valorização e do reconhecimento que podem ser demonstrados por intermédio de suporte físico, social e afetivo, prestados pela comunidade onde vive.

Cuidador Comunitário: vizinhos, voluntários leigos e profissionais tanto quanto as associações podem formar uma rede de apoio que, das mais variadas maneiras, facilitarão a vida do cuidador. Da ajuda para as compras até o transporte ao fisioterapeuta, tudo é bem recebido. Aqui está a base do suporte para o cuidador responsável pelos cuidados diários de alguém.

Cuidador Formal: a assistência domiciliar do médico, do enfermeiro, do fisioterapeuta etc. possui um custo alto quando não é da rede oficial de saúde ou providenciada pela comunidade de apoio. A assistência domiciliar pode ter seu custo minimizado pelo suporte dos cuidadores

comunitários e dos profissionais voluntários.

Instituição-Dia: Hospital-Dia ou Centro-Dia, situados no mesmo bairro, são uma opção para o paciente com dependência e que vive só. O cuidador que trabalha também encontra aqui uma alternativa para substituí-lo. Novamente o papel dos cuidadores comunitários é imprescindível para muitos pacientes poderem usufruir das facilidades destes centros.

Quando todas as alternativas discutidas acima falharem, resta a internação com alto custo pessoal e governamental. Dentro desta perspectiva, o cuidador é muito importante e deve ser reconhecido como um parceiro indispensável para a recuperação do paciente e para a implantação da assistência domiciliar. Ao facilitar a realização de suas tarefas, por meio de treinamento/orientação e suporte comunitário, estaremos promovendo a saúde de ambos, cuidador e paciente.

Sob nossa coordenação, o IDEA -

Instituto de Desenvolvimento Emocional Aplicado – tem desenvolvido projetos e intervenções, utilizando uma equipe multidisciplinar, composta por profissionais das áreas de saúde, organização, gerenciamento, gerontologia e geriatria, para treinamento de pessoas e instituições.

Anualmente, o IDEA promove dois “Seminários para Cuidadores de Idosos”, que proporcionam uma visão abrangente sobre novas técnicas e recursos voltados à assistência e à prestação de serviços ao idoso, visando promover sua saúde e autonomia, bem como a prevenção do estresse em cuidadores. Informações podem ser obtidas pelo telefone (011) 543-3586 ou através do e-mail gleal@idea-sp.com.br

BIBLIOGRAFIA

- ABENDDORFF, R. & CAHLLIS, D. (1990). Twenty-five years of research about cares - Where now? Personal social services research unit. University of Kent. PSSRU Bulletin, nº 7, abril, pp. 5-8.
- BERQUÓ, E. (1996) Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. Apud, NERI, A. L. e DEBERT, G. G. (1999) Velhice e sociedade. Campinas-SP: Papirus.
- BROTCHIE, J & HILLS, D. (1991) Equals shares in caring. Published by Socialist Health Association, London.
- DAICHMAN, L. S. (1996) Critérios éticos en los cuidados a largo termino. Geriat Gerontol, 0(1):91-93, Argentina.
- GOLDFARB, D. C. e LOPES, R. G. C. (1996) A família frente à situação de Alzheimer. Gerontologia 4(1):33-37.
- KARSCH, U. M. S. (org) (1998) Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores. São Paulo: EDUC.
- LEAL, M. G. S. (1996) Derrame – Acidente Vascular Cerebral. Informações para a família e cuidadores. São Paulo: Novartis Biociência S.A.
- MENDES, P. B. T. (1995). Cuidadores: heróis anônimos do cotidiano. Dissertação de mestrado. PUC-SP.
- MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL – Anais do I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional – uma agenda para o final do século. Brasília, 01/03 de julho de 1996.
- QRURESCHI, H. e SIMONS, K. (1987). Resources within families: caring for elderly people. In: BRANNEN, J. e WILSON, G. (eds.) Give and take in families: Studies in resource distribution. Allen and Unwin, London, U.K.
- VERAS, R. P. (1994) País jovem de cabelos brancos. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- VERAS, R. P. et alii. (1988). Pesquisando populações idosas. Revista de Saúde Pública. São Paulo, 22 (6), pp. 513-518.
- VERAS, R. P. e DUTRA, S. (1993). Envelhecimento da população brasileira: reflexões e aspectos a considerar quando da definição de desenhos de pesquisas para estudos populacionais. Physis - Revista de Saúde Coletiva, vol. 3, n. 1, pp. 107-125.
- YAZAKI, L. M. e SAAD, P. M. (1990) Mortalidade da população idosa in O idoso na Grande São Paulo. São Paulo: SEADE, jun., pp. 126-159.
- WILLIAMS, J. K. (1994). Unmet long term care needs of disabled elders in the community: a review of the literature. Prepared for The Johns Hopkins University. Flórida.
- ZARIT, H. S. (1989). Do we need another “stress and caregiving” study? In: The Gerontologist, April. Vol. 29, n. 2, pp. 147-148.



A Equipe Multidisciplinar e o Idoso

TOMIKO BORN

ASSISTENTE SOCIAL. MASTER OF SCIENCE PELA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA, NY.
EX-SUPERVISORA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DOM JOSÉ GASPAR,
INSTITUIÇÃO ASILAR PARA IDOSOS.

“Como todo grupo a equipe de trabalho está sujeita a crises emocionais. Divergências de caráter teórico ou ideológico, problemas de relacionamento interpessoal e sobretudo a disputa pelo poder podem ser fontes de atritos (...) As crises costumam representar momentos decisivos na vida do grupo, que podem ameaçar seriamente sua integridade ou, ao contrário, levá-lo à superação e a um crescimento maior”.

Introdução

Há muitos anos, na década de 80, quando lecionava no curso de Gerontologia Social do Instituto Sedes Sapientiae, fui convidada para apresentar um trabalho sobre equipe multidisciplinar num Congresso de Geriatria e Gerontologia. Eram ainda relativamente poucos os profissionais que lidavam com problemas do envelhecimento: a medicina, a psicologia, o serviço social, a fisioterapia, a terapia ocupacional, a nutrição e a enfermagem faziam-se representar. Mais tarde a fonoaudiologia e a pedagogia, e recentemente a arquitetura e muitos outros campos de atividades profissionais passaram a interessar-se pela Gerontologia. É compreensível essa tendência, pois o envelhecimento tem a ver com a nova face da população humana no planeta Terra.

Hoje, nos textos da epistemologia fala-se em transdisciplinaridade, porque se constata que nem o tratamento multidisciplinar, nem o interdisciplinar, são capazes de lidar com a complexidade do universo. Conforme afirma Ubiratan D'Ambrosio (1999): "o avanço do conhecimento científico e tecnológico criou instrumentos que permitem reconhecer a enorme complexidade do universo. A realidade cósmica, a natureza da matéria, o fenômeno da vida, os mistérios da mente e, sobretudo, as inter-relações entre tudo isso resistem ao tratamento disciplinar,

mesmo que se adote a multidisciplinaridade ou a interdisciplinaridade. (...) a única possibilidade de conhecer a totalidade - se isso é possível - é adotar um enfoque holístico, transcendendo objetos e métodos disciplinares".

Em congressos de Geriatria e Gerontologia, e igualmente nas salas de aula, já se fala em equipes transdisciplinares. No entanto, mantereí o título "equipe multidisciplinar"; pois, na prática a mera existência da equipe continua difícil e, conforme assinala Garcia Pintos (1997), "transdisciplinar costuma ser mais uma definição de compromisso do que uma atitude sustentada no fazer cotidiano. Em muitos casos, não deixa de ser um simples enunciado teórico ou uma expressão de desejos, ou seja, a definição do que deveria ser".

No caso da Gerontologia, estudo científico do envelhecimento nos seus vários aspectos, biológicos, psicológicos e sociológicos, a multidisciplinaridade faz parte da sua natureza. Consequentemente, nas várias modalidades de aplicação prática, a multidisciplinaridade tende a ser considerada imprescindível. Como exemplo gostaria de citar as palavras do Dr. Picton Williams (1982) ressaltando a importância da multidisciplinaridade na Geriatria, e que hoje, quase vinte anos mais tarde, continua atual: "A base da prática geriátrica contemporânea é a aceitação da premissa de que os fatores físicos, psicológicos e sociológicos, que contri-

buem para a morbidade, são inseparáveis e a medicina deve estar orientada para o paciente e não para a enfermidade”.

Em termos práticos, espera-se dos profissionais que se dedicam à prática geriátrica ou gerontológica que considerem o paciente ou o cliente idoso como uma pessoa com uma longa trajetória passada, além de seu posicionamento em relação ao presente e ao futuro; o tempo que lhe resta e a morte, seu destino final, percebendo-o como um ser de relações, profundamente marcado pelos seus vínculos tanto da família de origem, como da família de procriação; pelos valores da sua cultura, de seus círculos de amizade; pela sua inserção presente e passada no mundo do trabalho; em suma, considerando-o na sua totalidade, não importa qual o seu estado atual e o motivo que o levou à procura de serviços especializados.

A Multidisciplinaridade na Prática Social

Como se verifica na prática o trabalho multidisciplinar? A valorização crescente da multidisciplinaridade nos artigos de Gerontologia não tem sido acompanhada pela prática cotidiana. Ainda são poucas as notícias de efetiva formação de equipes multidisciplinares; e freqüentes as informações da dissolução de magníficas equipes por dificuldades econômicas ou por mudanças ditadas

pela cúpula administrativa. No entanto, a necessidade da equipe multidisciplinar é hoje maior, em virtude da participação de maior número de profissionais de formações diversas nos serviços prestados à população idosa, justificando reflexões sobre o tema.

O que é uma Equipe Multidisciplinar?

Trata-se de um grupo de trabalho formado por profissionais de diversas áreas, que se integram em busca da realização de uma tarefa comum. A sua composição variará conforme a natureza do serviço, de acordo com a situação financeira e as diretrizes administrativas da instituição mantenedora do serviço/ programa. Por esse motivo, não raro são encontradas equipes constituídas por profissionais com vários tipos de vínculos de trabalho: contratados, voluntários, consultores.

Sem a participação de profissionais de várias disciplinas não haverá uma equipe; mas, a sua simples presença e o seu encontro ocasional não asseguram a existência de uma equipe multidisciplinar. Esta é produto de um processo grupal, que irá tornar-se concreta na medida em que avançar a integração dos seus membros e o desenvolvimento do seu modo específico de operação. Tratando-se de um grupo de trabalho, não se pode imaginar a sua existência desvinculada

da política administrativa da organização. Portanto, a compreensão e o apoio de instâncias administrativas superiores são indispensáveis para a existência da equipe.

Grande número, provavelmente a maioria dos serviços especializados em Gerontologia, emprega os seus profissionais em regime de tempo parcial, prestando serviços algumas horas diárias ou semanais. Não raro funcionários de nível médio, e auxiliares com instrução secundária, dão continuidade ao atendimento diário e à orientação prescrita pelos referidos profissionais. Nessas circunstâncias, como seria possível a equipe multidisciplinar? Há um mínimo de condições que devem ser garantidas, e uma delas é a garantia de um horário mínimo comum de toda a equipe, o quanto possível semanal, ou até mesmo quinzenal, além de uma relativa estabilidade no emprego.

O processo se inicia com reuniões convocadas, de preferência por profissional em cargo de comando e com capacidade de liderança, onde serão feitas as primeiras colocações sobre multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e a sua necessidade para aquele serviço. Evidentemente, contatos preliminares, individualmente ou em pequenos grupos, poderão aumentar o interesse em comparecer às reuniões e participar do processo. A partir daí deverão ser agendadas reuniões sistemáticas, com maior frequência nas fases iniciais, semanais se possível.

O conteúdo das reuniões será, em grande medida, determinado pelas necessidades de cada equipe e pela natureza do serviço. Como pauta geral é sugerida a seguinte:

1. Discussão de casos clínicos ou sociais em momentos de:

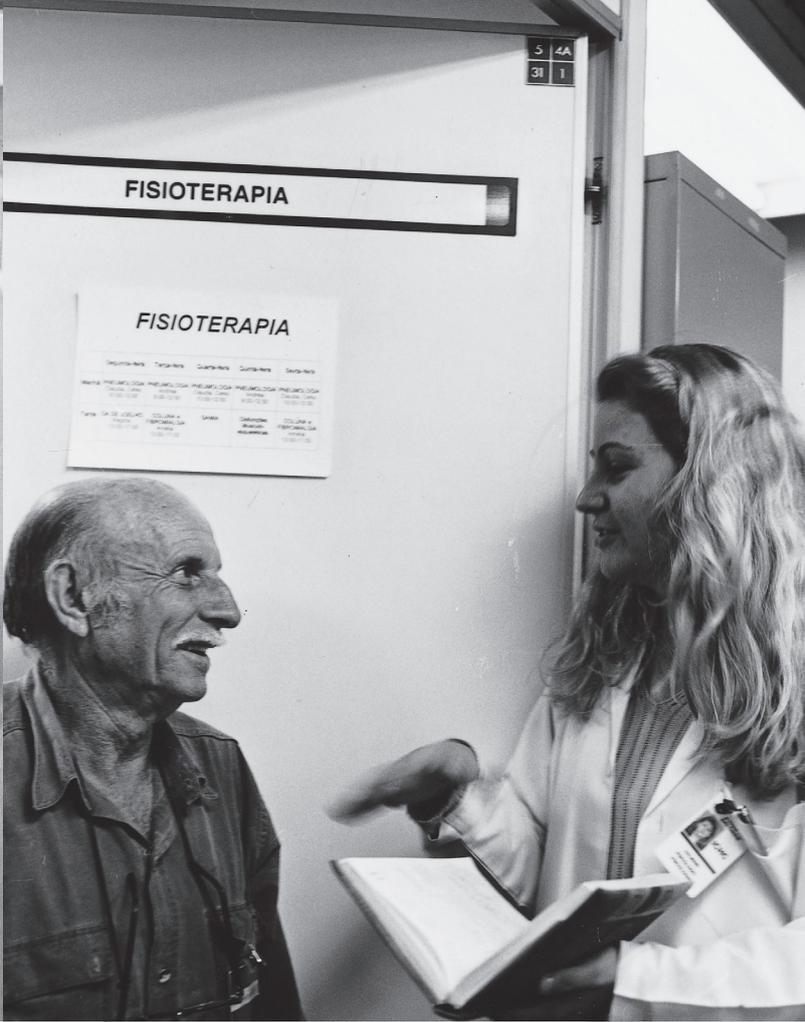
- Admissão do(a) idoso(a)
- Diagnóstico e elaboração do plano de tratamento ou de atividades
- Avaliações
- Altas, desinternações, desligamentos.

2. Questões teóricas de comum interesse. O domínio de noções básicas de Gerontologia e a aquisição de uma linguagem comum são fundamentais para a comunicação intra-equipe.

3. Questões teóricas e metodológicas referentes a cada disciplina.

4. Análise e discussão de atitudes e valores. Numa sociedade que glorifica a juventude, os profissionais também carregam uma boa dose de preconceitos que se manifestam em rejeição aberta, mascarada, ou ao contrário em paternalismo assistencialista. Reconhecendo e trabalhando com os sentimentos positivos ou negativos em relação aos idosos, a equipe poderá desenvolver a capacidade de estabelecer relações verdadeiras com seus pacientes ou clientes.

5. Relacionamento e comunicação inter-



profissional. Provavelmente, questões relativas a este item permearão a discussão dos temas já listados, e deverão merecer atenção especial; pois a análise e a compreensão da dinâmica que se estabelece no interior do grupo é fundamental para o aprendizado de habilidades necessárias para a interação grupal.

São destacados, em seguida, alguns objetivos que deverão ser buscados através dessas reuniões:

1. Definição de uma filosofia e de objetivos comuns;
2. Interação efetiva entre os profissionais, alicerçada na compreensão, aceitação e respeito mútuos;
3. Definição de responsabilidades;
4. Criação de um modo de operação da equipe.

Quanto mais diversificada a composição, mais complexa é a tarefa de formação da equipe. Como a profissionalização e a especialização crescentes são tendências inevitáveis na sociedade atual, participam na mesma equipe profissões de tradições antigas convivendo com outras de história mais recente. Heterogeneidade na formação, no status, no regime de trabalho, nos níveis salariais e nas ideologias, podem resultar em conflitos e rivalidades. No dia a dia costumam surgir questões de sobreposição de funções em profissões afins, as quais tendem a tornar-se

mais complexas devido a formações complementares buscadas pelos profissionais. Outros problemas referem-se ao exercício da autoridade, à liderança e à autonomia versus dependência e interdependência. É indispensável que os profissionais da equipe tenham o mínimo de qualificações, competência profissional, segurança e maturidade para abdicar de certa dose de autonomia, além de flexibilidade para uma atuação inter-dependente, e de disposição para compartilhar responsabilidades em pé de igualdade com os colegas.

Para lidar com as questões relativas à dinâmica grupal e ao desempenho de papéis, com valores normativos e atitudes, a presença de consultor especializado nessas questões pode ser de grande valor. No entanto, não seria demais lembrar que se deve evitar transformar as reuniões do grupo de trabalho em sessões de terapia grupal.

Crises na Equipe

Como todo grupo, a equipe está sujeita a crises ocasionais. Divergências de caráter teórico ou ideológico, problemas de relacionamento interpessoal, mudanças na composição devido à saída de elementos-chave ou a entrada de novos elementos, e sobretudo a disputa pelo poder podem ser fontes de atritos mais ou menos graves. Não raro, problemas de natureza administrativa, criando



desigualdades na remuneração e na carga horária de diferentes categorias profissionais, podem gerar insatisfações difíceis de superar. As crises costumam representar momentos decisivos na vida do grupo, que podem ameaçar seriamente a sua integridade ou, ao contrário, levá-lo à superação e a um crescimento maior.

A Coordenação

Tanto em momentos de crise, como na vida cotidiana da equipe, cabe à coordenação um papel fundamental. Seja qual for o profissional que assuma esse papel, deve possuir certos pré-requisitos:

1. Habilidade interpessoal e administrativa;
2. Compreensão da natureza multidisciplinar do processo;
3. Profunda identificação com o objetivo e a filosofia do programa/serviço;
4. Humildade e flexibilidade.

A Participação dos Escalões Médios e Inferiores

Foram mencionados, até agora, os profissionais de nível superior, como integrantes da equipe. Para completar, seria necessário indagar qual deve ser a participação do pessoal de escalões médios e inferiores, que muitas vezes desempenham importante papel na execução dos planos de tratamento e no acompanhamento dos idosos, no

seu dia-a-dia. Cabe a cada serviço estudar os meios mais adequados para a integração desse pessoal. Poder-se-ia pensar em reuniões com participação dos diversos escalões e outros restritos a níveis profissionais superiores. De toda forma, a noção de multidisciplinaridade e a sua operacionalização, e a questão de valores normativos e de atitudes em relação ao envelhecimento necessitam ser trabalhados também nesses níveis funcionais.

O Idoso e seus Familiares

Haverá algum papel para o idoso e seus familiares, no processo até agora analisado, ou serão eles meros receptores dos serviços? Como uma forma de vencer a distância existente entre os profissionais de saúde e o idoso e seus familiares, e torná-los agentes do processo de seus problemas, alguns hospitais norte-americanos desenvolveram experiências de inclusão de idosos e de seus familiares em reuniões de equipe, onde eram revistos os problemas principais de caráter psicológico e social, enfrentados pelos pacientes portadores de incapacidade (Libow, 1982). As atividades iniciadas por Elisabeth Kübler-Ross (1975) nos seus "Seminários da Morte e do Morrer", nos quais doentes discutiam sobre a sua experiência de morrer com estudantes de Medicina e profissionais de saúde, são outros exemplos que nos lembram do papel que os idosos podem

ter nas equipes multidisciplinares.

Considerações Finais

A questão da atuação multidisciplinar, tanto na produção teórica como na prática clínica ou social, assumiu maior importância diante do envelhecimento da população brasileira. No trabalho teórico a natureza multidisciplinar da Gerontologia ganha maior relevância face ao reconhecimento, pelo mundo das ciências, da necessidade de transcender objetos e métodos disciplinares (Ambrosio, 1999). Na prática clínica ou social, face a uma tendência de aumen-

to de profissionais no atendimento, de modo fragmentado e cada qual segundo a sua especialidade, verifica-se que a real necessidade da pessoa corre o risco de ser ignorada. No processo de promoção social ou promoção e recuperação da saúde não será demais chamar a atenção para a importância da abordagem holística. Vale a pena insistir que, apesar das dificuldades de toda sorte, e embora as condições concretas de trabalho apresentem-se diversas das desejáveis, a multidisciplinaridade é um alvo a ser perseguido, se o objetivo do nosso trabalho for a qualidade de vida da pessoa idosa.

BIBLIOGRAFIA

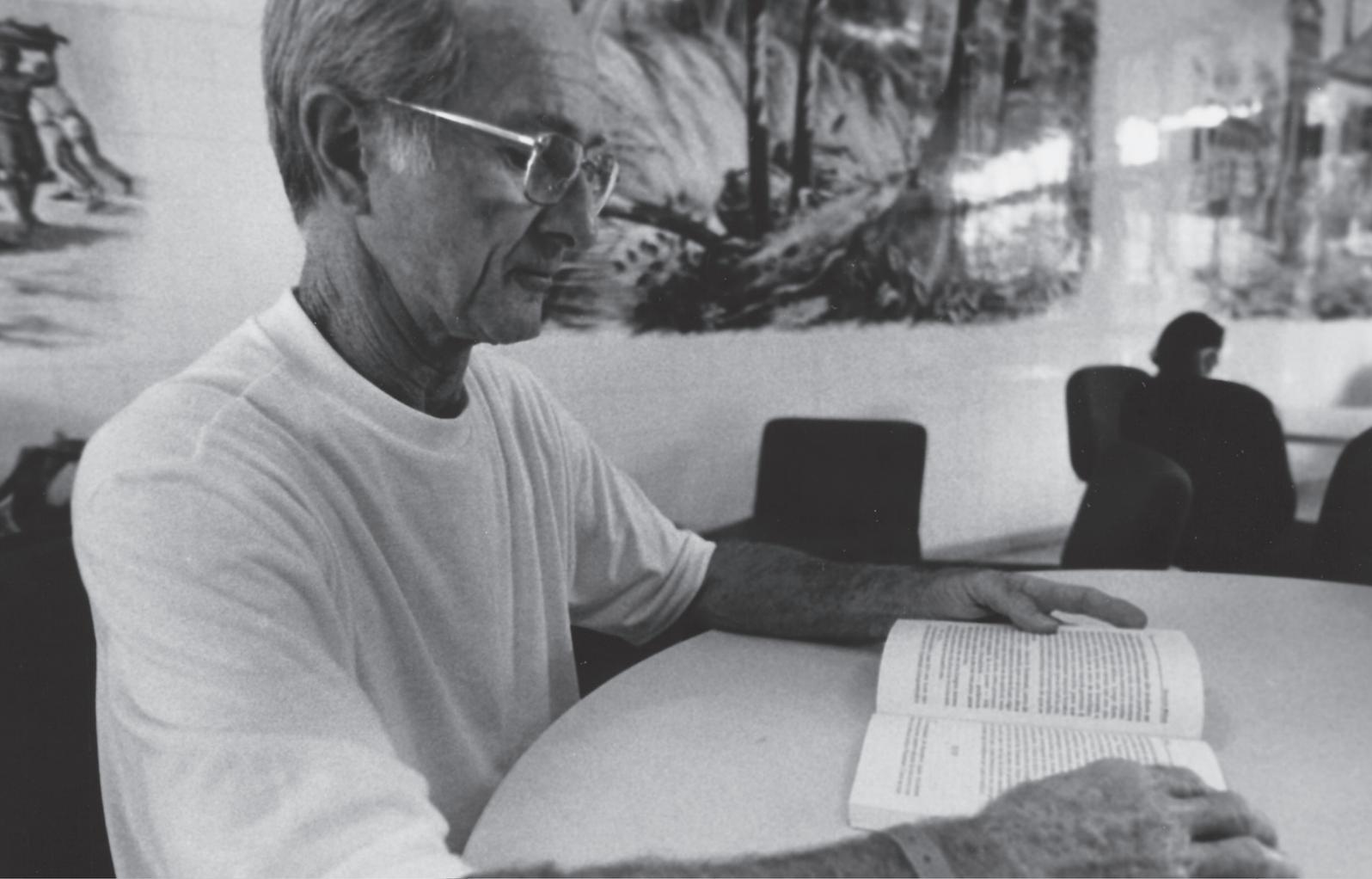
D'AMBROSIO, Ubiratan. La transdisciplinaridad y los nuevos rumbos de la educación superior (cf. Internet) in *Reencantar a Educação: Rumo à sociedade aprendente*, 3ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1999

PINTOS, Claudio Garcia. *A família e a terceira idade: orientações psicogerontológicas*. São Paulo: Paulinas, 1997.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Morte, estágio final da evolução*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1975.

LIBOW, Leslie S. Geriatric medicine and the nursing home: A mechanism for mutual excellence, in *The Gerontologist*, v. 22, nº 2, abril 1982.

WILLIAMS, T. C. Picton. The day hospital in the context of multidisciplinary assessment in Great Britain, in *Tagesklinische Behandlung im Alte*. Darmstadt: Steinkopff Verlag, 1982.



Cultura e Maturidade

NILZA AMARAL

PROFESSORA DE LITERATURA E LÍNGUAS ESTRANGEIRAS. AUTORA DE ROMANCES E NOVELAS.
DIRETORA DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES.

“Enquanto as perdas e os enfraquecimentos puderem ser contornados por um saber
prático e intelectual, não se deve falar de envelhecimento, (...) a velhice não pode ser
compreendida senão em sua totalidade. Ela não é apenas um fenômeno biológico,
mas também um fato cultural e a palavra declínio talvez perca a sua significação,
dependendo do modelo adotado pela sociedade”.

“Sua barba era de prata como
um riacho de abril...
Pois o jovem é belo, mas o
ancião é grande
E vemos labaredas, nos olhos dos jo-
vens.
Mas no olhar do velho, vemos luz”¹

Introdução

O ser humano já ao nascer entra em angústia. Retirado de um microcosmo seguro e protetor - o útero materno - é atirado ao macrocosmo frio e imenso, condenado desde o início ao exílio forçado. O primeiro grito é o prenúncio do esforço que fará para sobreviver e a primeira reação é a volta ao passado, isto é, ao refúgio seguro, à casa que está gravada em sua memória, negando portanto a realidade, embora essa realidade exterior tenha sido passada à vida intra-uterina via cordão umbilical: as primeiras e inesquecíveis experiências de satisfação.

Essa primeira negação da realidade só pode avançar até um certo tempo. Logo a criança aprenderá que nada mais está à sua disposição e que tudo terá um preço a pagar. Começa a existir o princípio da realidade quando, perdendo a onipotência, ela terá que abandonar o conforto narcísico do mundo interior para o mundo exterior, segundo as leis que o rege, as

leis da linguagem e as da cultura. Ao sair para a vida o homem terá que se render aos ritos de passagem, que serão sempre dolorosos como foi o despedir-se do útero e da abundância do mundo interior.

Acontece o primeiro rito de passagem da infância à puberdade. Da puberdade à adolescência o sofrimento não é menos doloroso; pois ao se despedir do tempo familiar, onde todas as regras estavam apreendidas, um novo mundo surge, e com ele novas regras. E, se a passagem da adolescência para a idade adulta parece ser a mais crítica, não é a última. Resta a passagem para a maturidade.

O mundo está aí, pronto, e suas regras apreendidas. Parece simples, mas não é. A atitude da sociedade para como os maduros é profundamente ambígua. Aos 18 ou 21 anos os adolescentes são admitidos na sociedade como homens. O momento em que começa a maturidade é indefinido, como também é indefinida a fronteira da velhice. Depende da época e das sociedades. Se há períodos preparatórios para as determinadas épocas, para a maturidade e para a velhice eles inexistem. Somente é tácito que uma é decorrente da outra. Depois de adultos e ativos os indivíduos se esquecem de que a volta ao mundo interior, ao útero do recolhimento, ao mundo dos velhos, impõe preparação.

¹ Victor Hugo

A passagem do tempo não é considerada como o prenúncio do futuro mas como o distanciamento da juventude. De acordo com algumas mitologias a raça humana tem a força de viver e de se perpetuar, se a juventude lhe for devolvida. Da aniquilação do mundo antigo surge a renovação de um mundo novo, como no caso dos babilônios com Noé e sua arca, que após o dilúvio viram um novo mundo ser reconstruído e a terra ser repovoada. Antes de Noé o mito de Adão e Eva reforça essa imagem na Bíblia. O rio Nilo, no Egito, pela fertilização periódica de suas águas regenerava as terras permanentemente. Os mitos tendem portanto a reanimar o velho através de rituais, pois sobre um passado reverenciado se modela o presente.

Entretanto, frente a indivíduos de carne e osso, a relação é diferente; as soluções têm que ser tão reais quanto os próprios indivíduos. Tida como execrável, tende-se a ignorar a velhice. Chegando à maturidade se diz: “não vou ficar velho, morro antes”. Entretanto, o velho que, embora tendo “um pé na cova”, consegue envelhecer diferentemente do seu grupo; que conserva o amor familiar e que se distingue por alguma qualidade, sendo útil, considerada extremamente rara, é aceito apesar da idade avançada.

O Código Civil Brasileiro, que faz distinção entre os menores e os adultos, não faz qualquer distinção entre o centenário e o trintenário. Os velhos

não são considerados uma categoria à parte. Há bem pouco tempo, todas as sociedades que apresentavam livros, programações de televisão ou rádio, espetáculos destinados às crianças ou adultos esqueciam-se dos maduros. Para o velho inexistiam programas ou oportunidades. Atualmente dispensam atenção à maturidade, embora tal atitude, na maioria das vezes, disfarce um fardo que a sociedade carrega como uma desagradável obrigação. Economistas e legisladores dão-lhe uma aposentadoria, sempre impregnada da idéia do prejuízo que os inativos dão aos ativos, ignorando que estes em breve estarão na mesma categoria, e que, de alguma forma, estariam protegendo seus futuros direitos. Implica aqui um medo interior de um dia ser alguém como eles.

Entretanto um aspecto é imprescindível. A velhice não é um fato estático e sim o prolongamento de um processo. Os velhos são impotentes quando tentam fazer valer seus direitos, pois não acrescentam lucros à vida econômica, que tenta quebrar a solidariedade entre trabalhadores e aposentados, de modo que estes não sejam defendidos, o que implica novamente uma contradição.

Não é fácil definir a maturidade por ser ela um fenômeno biológico, além de acarretar fenômenos psicológicos que se interagem. Essa relação é por excelência psicossomática. Qual a idade da maturidade? Pelas leis brasileiras a aposentadoria para mulheres é aos 60

anos, e para o homem aos 65. A partir dessa idade as passagens em coletivos são gratuitas, e os maduros têm prioridade em filas.

O estudo da velhice é longo e exaustivo nos seus diversos aspectos, cada um deles interagindo com todos os outros. Vou abordar apenas o aspecto social e as implicações que a sociedade impõe à velhice; como essa etapa da vida deve ser valorizada, e o preponderante papel da cultura nesse processo.

Machado de Assis² externou essa sensação do envelhecer ao escrever *Isaú e Jacó* e ao se colocar como protagonista de si mesmo, definindo sua alteridade. Tinha 55 anos e, por considerar-se velho e sentir-se perante um mundo que lhe era estranho e distante, sentiu a necessidade de uma reavaliação subjetiva de seus valores morais e estéticos. Vale marcar, embora ironicamente soe acontecer em todos os escritos de Machado, que o autor reconduziu a obra anterior pela necessidade existencial dada pela velhice em *Memorial de Aires*.

No decorrer desta análise veremos que, dependendo do ponto de vista de como é encarada, a cultura poderá ser um aliado preponderante do intelecto; conservando o vigor espiritual, o homem conservará igualmente o vigor físico se não houver lutos ou perdas irreparáveis.

Conceito de Maturidade

Quando se chega à maturidade? Podemos dizer que é um processo contínuo; desde o embrião o homem está num processo contínuo. O gerontólogo Lansing³ define a velhice como: “Um processo progressivo de mudança desfavorável, geralmente ligado à passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando invariavelmente na morte”.

Não podemos dizer igualmente que envelhecer é um processo de morte, pois tal paradoxo implicaria em inércia, e a vida é um constante equilíbrio e desequilíbrio, um eterno jogo de perdas e ganhos. Podemos dizer que é um processo de mudança irreversível e desfavorável, significando um julgamento de valores que leva ao declínio. Geralmente há um declínio depois de um apogeu. Na maioria das vezes o indivíduo perde em valor moral, material ou físico, antes de chegar a um apogeu. O que considerar como apogeu? As qualidades intelectuais, as faculdades mentais, o vigor físico, no caso de um atleta, ou a interação dessas qualidades? Cada um terá uma resposta à medida em que valorizar aspectos determinados. A partir desses conceitos as sociedades determinam uma fronteira entre a juventude, a maturidade e a velhice. Cada sociedade tem o seu padrão de valorização.

² GUDIN, Marcia Lúcia. “Armário de Vidro”

³ BEAUVOIR, Simone de. “Velhice”, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990



Freud⁴ dá um alento à velhice: “Pensem no contraste entristecedor que existe entre a inteligência radiante de uma criança bem desenvolvida e a fraqueza intelectual de um adulto médio”. Montherlant⁵ é categórico: “O gênio da criança, quando se extingue, é para sempre”. E os ditos populares afirmam que ser maduro é ser jovem por mais tempo.

Porém, enquanto as perdas e os enfraquecimentos puderem ser contornados por um saber prático e intelectual, não se deve falar de envelhecimento, mesmo porque a fronteira ainda não foi estabelecida por nenhuma sociedade.

Então, tem-se que a velhice não pode ser compreendida senão em sua totalidade. Ela não é apenas um fenômeno biológico, mas também um fato cultural, e a palavra declínio talvez perca a sua significação, dependendo do modelo adotado pela sociedade.

No século II, Galeno⁶ fez uma síntese geral da medicina antiga. Ele considerou a velhice como intermediária entre a doença e a saúde, apesar de não ser exatamente um estado patológico. Entretanto todas as funções fisiológicas do velho ficam reduzidas ou enfraquecidas. Sua teoria é a dos humores e do calor interno, em que o último se nutre dos primeiros: o corpo

se desidrata e os humores se evaporam. Segundo ele o velho deve tomar banhos quentes, beber vinho e ser ativo.

Até então a medicina, em relação à velhice, se preocupava apenas com a higiene preventiva. No século XVIII, um dos discípulos de Galeno, Gerard Van Swieten⁷, encara a velhice como uma espécie de doença incurável, zombando dos remédios inspirados pela alquimia e pela astrologia. Descreve com exatidão algumas das mudanças anatômicas que a velhice acarreta. Porém, com a ascensão da burguesia, do racionalismo e do mecanicismo cria-se a lastrofísica, retomando as teorias mecanicistas da antigüidade sobre a velhice. O corpo é uma máquina, um conjunto de cilindros, de fusos e de rodas. O pulmão é um fole e, como máquina, deteriora-se com o tempo. Houve muitas teorias na tentativa de se buscar uma explicação para a velhice; porém, todas fracassaram e sempre foram superpujadas por novos postulados.

Em 1912, Nasher⁸, americano, e considerado o pai da Geriatria, fundou a Sociedade de Geriatria de Nova Iorque; em 1914 publicou com muita dificuldade, porque nenhum editor considerou o tema interessante, um novo livro sobre a questão da velhice.

⁴ FREUD, Sigmund. “Mal Estar na Civilização”, São Paulo, Abril Cultural. Col. Os Pensadores, 1978

⁵ BEAUVOIR. Op. cit

⁶ BEAUVOIR. Op. cit

⁷ BEAUVOIR. Op. cit

⁸ BEAUVOIR. Op. cit

Recentemente, ao lado da Geriatria desenvolveu-se uma nova ciência, a Gerontologia. A medicina moderna não pretende mais atribuir uma causa ao processo biológico de envelhecimento, considerando-o inerente ao processo existencial do mesmo modo que o nascimento, o crescimento e a morte. Segundo o gerontólogo Howell⁹, “A senescência não é uma ladeira que todos descem com a mesma velocidade. É uma sucessão de degraus irregulares onde alguns despenham mais depressa que os outros”. Uma grande contrariedade entretanto pode apressar o processo de envelhecimento, como por exemplo um luto.

Cito novamente Machado de Assis que, ao perder sua esposa Carolina Xavier de Moraes, passou a desejar ardentemente a própria morte. Carolina perdeu a vida devido a um tumor no estômago e, apesar de Machado ter sofrido da mesma enfermidade, seu atestado de óbito deu como causa mortis a arteriosclerose, segundo Raimundo Magalhães Júnior¹⁰. Tal fato nos leva a concluir que, apesar de bem preparado para a velhice através de uma cultura inegável, não foi capaz de superar o trauma da morte da esposa.

Se nenhum choque se produza a saúde permanece boa; e há indivíduos que conseguem compensar as capacidades

perdidas até em idade avançada. Antigamente havia um contraste flagrante entre a evolução mental do indivíduo e a sua evolução física. Montesquieu¹¹ lamentou essa separação: “Infeliz condição dos homens ! Mal o espírito chega à maturidade, o corpo começa a enfraquecer!” Delacroix¹² observa em seu Diário: “Essa desarmonia singular que a idade traz entre a força do espírito e o enfraquecimento do corpo, que também é consequência da idade, impressiona-me sempre e me parece uma contradição nos decretos da natureza”.

Os progressos da medicina mudaram esse quadro. Protegido de um grande número de imperfeições e de doenças, o corpo agüenta firme durante muito tempo. Desde que o espírito conserve o seu vigor, manter-se-á saudável mais tempo. Nota-se que o inverso acontece quando o moral se abate.

Em todos esses estudos mais recentes realizaram-se testes em indivíduos a partir de 35 anos quando começam a declinar as reações motoras, sendo que após os 45 anos o declínio é mais evidente. As pessoas idosas têm muita dificuldade para se adaptar às situações novas. Reorganizam facilmente setores conhecidos, mas encontram dificuldade em reabsorver mudanças. Os testes no

⁹ BEAUVOIR. Op. cit

¹⁰ SILVA, José Maria. Artigo publicado no jornal “Opção”, de Goiânia, 1998

¹¹ BEAUVOIR. Op. cit

¹² BEAUVOIR. Op. cit

entanto são controvertidos quando se referem ao vocabulário. Se as pessoas são incultas este se empobrece após os 60 anos, chegando a se enriquecer entre indivíduos de nível intelectual mais elevado. Como conclusão chega-se ao resultado de que existe no indivíduo um potencial que envelhece, e uma fração de mecanismos adquiridos que não envelhece, donde se deduz que, quanto mais elevado for o nível intelectual do indivíduo, mais lento é o decréscimo de suas faculdades. Se ele persistir no exercício de sua memória e inteligência pode conservá-las intactas.

Maturidade e Sociedade

O homem como ser social necessita viver dentro de uma cultura. O conceito de cultura é oposto ao conceito de natureza. Apesar de ser um produto da natureza, esta não o cria; pois, deixado à própria sorte, o homem não se desenvolve, não cresce, não se identifica, e nem se comporta como homem. Portanto, desde o nascimento o homem passa a ser progressivamente um ser da cultura; precisa modificar a natureza à sua volta e adaptá-la às suas necessidades. A palavra cultura tem a mesma origem da palavra agricultura; vem do verbo latino colere, com significação de cultivar, colher, acres-

centar alguma coisa à natureza. Hobbes¹³ diz que “o homem é o lobo do homem” enquanto em estado natural.

Simone Beauvoir¹⁴ diz que “uma sociedade é uma totalidade destotalizada, cujos membros estão separados mas unidos pela reciprocidade”. A reciprocidade, diz Sartre¹⁵, implica: 1) que o Outro seja meio de um fim transcendente; 2) que eu o reconheça como práxis, ao mesmo tempo que o integre como objeto ao meu projeto totalizador; 3) que eu reconheça seu movimento em direção aos seus fins no movimento pelo qual eu me projeto em direção aos meus; 4) que eu me descubra como objeto e instrumento de seus fins pelo próprio ato que o constitui como instrumento objetivo para os meus fins. Nessa relação cada um rouba do outro um aspecto do real e lhe indica seus limites. O intelectual se reconhece como tal e lhe indica os seus limites. O intelectual se reconhece como tal diante de um trabalhador manual. Sobre a práxis diz Sartre¹⁶: “o fundamento da compreensão é a cumplicidade de princípio com todo o entendimento: cada fim, desde que significativo, destaca-se da unidade orgânica de todos os fins humanos”.

Então o que vem a ser essa reciprocidade? De certo modo o adulto não estabelece reciprocidade com a criança,

¹³ HOBBS, Thomas. “Leviatã”, São Paulo, Abril Cultural. Col. Os Pensadores, 1978

¹⁴ BEAUVOIR. Op. cit

¹⁵ SARTRE, Jean Paul. “Crítica da Razão Dialética” In: Beauvoir, Simone. Op. cit.

¹⁶ SARTRE, Jean Paul. “Crítica da Razão Dialética” In: Beauvoir, Simone. Op. cit.

e tampouco com o velho. Mas há um aspecto comum entre o velho e a criança. Todos já devem ter ouvido a frase: “este menino é impressionante para a sua idade”. Do mesmo modo referem-se ao velho: “é incrível, ele não aparenta a idade que tem!” Com a diferença de que a admiração pela criança é o pensamento no investimento para o futuro, ao passo que o velho está caminhando para a morte.

No caso do velho, em relação ao adulto, ocorre que o velho, respeitando-se as exceções, não faz mais nada. Ele não é definido pela práxis. O tempo o conduz a um fim: a morte, que não é o seu fim e nem foi estabelecido por um projeto. Então os indivíduos ativos reconhecem nos velhos uma espécie estranha em que eles não se reconhecem.

Porém, mesmo a idéia da não reciprocidade não é suficiente para definir a relação entre os adultos e os idosos; mesmo porque, segundo Freud¹⁷, ela depende da relação pai e filho. Essa relação caracteriza-se pela ambivalência. O filho respeita seu pai, admira-o, deseja identificar-se com ele e mesmo tomar o seu lugar, o que gera ódio e medo. Os heróis da mitologia sempre se revoltam contra seus pais e acabam por assassiná-los; e esse assassinato tornou-se o símbolo do despojamento do prestígio do

pai, permitindo então a reconciliação entre os dois.

Dante compara o velho a um navegador que baixa docemente a sua vela quando enxerga a terra e alcança lentamente o porto. Considerando que a verdade da vida está além deste mundo, deve-se considerar que a existência não foi senão uma grande viagem.

O tema das idades inspirou pintores. Eles a representam como um jovem, um homem maduro e um velho, como no Concerto de Ticiano, em que o homem tem uma barba, uma cabeça calva, mas parece verde.¹⁸ No tocante à velhice feminina, um estudo de Giorgione no quadro Col Tempo, mostra uma mulher estragada pela idade. A feiúra é freqüentemente levada à caricatura. Quentin Metsys pintou, segundo informações de seus contemporâneos, rostos monstruosos de homens e mulheres, sendo A Duquesa sua pintura mais célebre. Há muitos exemplos; mas o pior, segundo os entendidos onde o realismo foi levado à crueldade, é O Velho e o Neto de Ghirlandaio.

Em muitas famílias as crianças são ensinadas a respeitar os velhos; mas, muitas vezes, principalmente em classes inferiores, mas não só nestas, os avós servem de chacota ou passam a ser tiranizados para a obtenção dos desejos

¹⁷ FREUD, Sigmund. Op. cit.

¹⁸ O mesmo se vê, um século mais tarde, num quadro de Van Dyck.

infantis. Igualmente no caso dos velhos, as famílias não podem dar-lhes ordem por uma questão de hierarquia familiar, mas conseguem manipulá-los para que se conservem em seus lugares, geralmente colocando-os num canto da casa ou então, em casos mais drásticos, domiciliando-os em instituições. Essa manipulação é perversa. Às vezes traduzem-se em mimos exagerados levando o velho à paralisia de qualquer ação espontânea. Dirigem-se a ele em linguagem infantil; tratam-no com benevolência irônica e, geralmente, deixam escapar pelas entrelinhas das frases o quanto são inconvenientes. Os interesses nesse jogo são de ordem moral: eles devem se comportar como a sociedade exige em seu código.

A sociedade explora o velho por um outro aspecto. Proliferam as clínicas de repouso e spas de bem-estar para a velhice. Há ainda comunidades onde os velhos têm o seu próprio chalé por preços astronômicos. Várias entidades, preconizando o amparo à Terceira Idade, denominação tão antipática, propiciam encontros de danças e conjuntos folclóricos que só tendem a ridicularizar os velhos considerando-os o próprio folclore. Agências de propagandas criam situações de publicidade colocando o velho no papel de adolescente rebelde, e usando de linguagem caricatural para demonstrar o cuidado desvelado, e ao mesmo tempo cínico, da família.

Chegamos a uma palavra terrível

pela significação que acarreta: a aposentadoria. Analisando friamente a palavra no seu significante, aposentar-se é ser retirado brusca e cruelmente da vida ativa, e ser atirado aos seus aposentos. A palavra inglesa para a mesma situação não é menos cruel: *retired*, retirado. O retirado de sua profissão sente-se arremessado a um mundo novo e adverso, abatendo-se psicológica e moralmente. É a mesma situação de angústia do nascimento; diria até que é um renascimento. Dependendo do quanto ele esteja preparado cultural e moralmente para esse renascer, caminhará para uma nova vida ou para a morte.

A mesma hecatombe parece não despencar sobre a mulher. Segundo as estatísticas, as mulheres vivem mais tempo. São os homens velhos e solitários, mesmo ainda casados, que constituem a fatia mais desfavorecida da população. Essa solidão é intrínseca. A mulher tem seus afazeres domésticos; se é aposentada da vida profissional, que por ventura teve, ainda está envolvida com os afazeres domésticos; é solicitada para auxiliar as filhas na criação dos netos; e se não é doméstica a esse ponto, o que é também uma espécie de subserviência, ainda lhe resta a carreira que poderá ser continuada depois da aposentadoria, principalmente se exerce uma profissão liberal. Porém, a aposentadoria não tem o mesmo efeito psicológico nas mulheres; elas não são poupadas da depressão na maturidade, porque com esta chega a menopausa,



que acarretará os mesmos malefícios que a falta da atividade acarreta ao homem. Mesmo tomando a dianteira do marido, há mulheres que experimentam uma certa vingança. Algumas tornam-se agressivas com o companheiro que, segundo elas, já não tem a mesma representatividade dentro de casa. Mesmo essa é uma atitude de compensação.

Com a aposentadoria chega o vazio. E o descanso que deveria ser a recompensa pelo dever cumprido não aparece como mérito, e sim como tédio e depressão. A configuração social já não é a mesma; acarreta a desvalorização do indivíduo. Novas regras terão que ser apreendidas. Os acontecimentos se agigantam em uma bola de neve e a desvalorização social leva à perda da auto-estima. Como o trabalho é a única fonte de identidade, de relacionamento, mais a dedicação à profissão, a frustração torna-se maior ainda.

Apartado da vida, o indivíduo descobre-se velho. No Brasil há um grande contingente de idosos e, com a longevidade se estendendo, pressupõe-se que esse contingente tenda a aumentar. Escreveu Hemingway¹⁹: “A pior morte para um indivíduo é perder o que forma o centro de sua vida, e que faz dele o que realmente é. A aposentadoria é a palavra mais repugnante da língua. Seja

escolha nossa ou imposição do destino, aposentar-se é abandonar nossas ocupações, essas ocupações que fazem de nós o que somos, equivale a descer ao túmulo”. Hemingway suicidou-se; mas, como no caso de Machado de Assis, outros problemas o afligiam.

As angústias geradas pela inatividade terminam em grandes depressões. Segundo geriatras e gerontólogos, essas depressões superpõem-se em vários elementos. A aposentadoria é encarada como um luto ou um exílio mal resolvido. Aqueles indivíduos dependentes da família, de temperamento depressivo e, possivelmente sofrendo de perturbações glandulares e circulatórias, inserem-se num contexto de situações insatisfatórias. Se de alguma maneira tiveram um destaque na vida ativa, recebem essa somatória de fatores como um golpe, resuscitando as tristezas de uma perda, de uma separação, e sensações de abandono e de inutilidade. A inatividade traz uma apatia que, se não combatida, mata todo o desejo de uma nova atividade. O tédio tira o gosto da distração. O excesso de lazer é tão perigoso quanto lazer nenhum. Com tanto tempo ocioso, os velhos não sabem como preenchê-lo.

Para defender-se da inércia é necessário que na maturidade sejam conquistadas novas atividades, que devem

¹⁹ BEAUVOIR. Op. cit

ser complementos de objetivos sólidos e desenvolvidos durante o curso de vida. Entra aqui o papel preponderante da cultura. Seja qual for a natureza dessas atividades, são sensíveis as melhoras ao conjunto das funções. A idade liberta o indivíduo das ilusões. Se a aurora da embriaguez da juventude impede a vida em sua plenitude, isso não acontece no ocaso da vida. O uso de maior racionalidade traz a vantagem da melhor análise dos fatos e, conseqüentemente, a melhor escolha para uma nova atividade. Algumas pessoas gostam de se comunicar pela escrita. Outras gostam de reuniões literárias com pessoas da mesma idade, onde expõem pensamentos antes censurados pela timidez, ou pelo receio do ridículo se expostos perante os mais novos. A idade traz liberdade. É a grande importância da idade: eliminar superstições e miragens. Porém, a liberdade, a capacidade de análise e a lucidez de nada adiantam se não estiverem atreladas a um objetivo. Por exemplo: a pessoa, que por qualquer motivo não tenha tido oportunidade de fazer faculdade, poderá na maturidade dedicar-se a esse projeto com mais tranqüilidade. Os analfabetos, que por terem trabalhado no campo ou por outro qualquer motivo não puderam dedicar-se aos estudos, encontram oportunidades para sair do ostracismo e do analfabetismo. Conservar a capacidade mental através da cultura é uma grande vantagem. O indivíduo que usufruir dessa

vantagem na maturidade encontrará forças para não tornar-se neurótico; e para não transformar-se numa pessoa que não consegue encontrar, na identificação de seu próprio personagem, boas relações com o tempo e um equilíbrio interior satisfatório. Considerando que na passagem dos anos uma das maiores dificuldades é conservar a própria identidade, o fato de se saber velho já o transforma em uma outra identidade.

Conclusão: A Cultura como auxiliar na aceitação da Idade Madura.

Foi observado que quanto maior o nível intelectual de um indivíduo mais suas atividades permanecem ricas e variadas. Talvez porque tenha mais facilidade em escolher atividades e interesses paralelos. Ao invés de se perguntar para o que se serve antes da velhice, na maturidade o indivíduo deve descobrir que serve para fazer o que, quando ativo no trabalho, não teve condições: filiar-se a instituições beneficentes, buscar vivências culturais e distribuir sabiamente o lazer como suporte.

Dizem alguns que para todas as carreiras há um preparo anterior. Para ser mãe há curso de gestante; há cursos para o parto sem dor; e para ser padrinho de batismo também há um curso preparatório. Para a aposentadoria não há cursos. Cabe ao aposentado aprender por si próprio; o que requer uma dose de sabedoria e um

grande cabedal cultural. É uma preparação que deve ser gradual e eficiente.

Hoje já existem muitas Faculdades para Terceira Idade. A cultura é um grande auxiliara na aceitação da maturidade porque, sendo uma atividade do pensamento, oferece probabilidades de se preencher a própria existência, ou achar um modelo paralelo para se dedicar a uma atividade, que não foi aproveitada por falta de tempo na vida ativa. Muitas pessoas, conforme o grau de cultura e nível intelectual, dedicam-se à literatura, escolhendo os diferentes gêneros (poesia, prosa, trovas, romance) para iniciar um novo tipo de vida. Outras, aproveitando a vivência adquirida, escrevem livros de auto-ajuda. Há os que sempre desejaram dedicar-se à música e não o fizeram por excesso de trabalho. Na maturidade o tempo é útil para todas essas qualidades, que estavam adormecidas durante muito tempo.

Cabe registrar aqui um exemplo: Lou Andreas Salomé²⁰ conseguiu realizar, em seus 76 anos de vida, o que todos nós gostaríamos e deveríamos fazer. Muitos teriam motivos para não havê-lo feito: medo, inércia, preguiça. Fazer da vida uma apaixonada busca. Explorar em todos os sentidos o que a vida pode oferecer. Isso vale dizer, aproveitar ao máximo todas as oportunidades que ela pode nos permitir; cultivar interesses e amizades de todas

as pessoas que nos cercam, pois a vida, como é voz corrente, está nas pequenas coisas. Rainier Maria Rilke²¹ completou: “Está tanto nas pequenas coisas, como nas grandes. No que é apenas visível e no que é imenso”. Antes de seu primeiro encontro com Rilke, Louise Von Salomé usou de intuição para saber sobre essa verdade onde podemos encontrar um grande apetite para amar. Suas obras, apesar de extensas, são difíceis de encontrar. Entre elas estão *Fenitchka* e *O amor do narcisismo*, duas peças de teatro; o *Diário da Rússia* e o romance *Jutta*. De toda a sua obra depreende-se que a velhice deve ser uma volta à paz interior, a um estado de não divisão, e a uma integração do ser.

Num ensaio de 1901, escrito aos 40 anos e intitulado *A Velhice e a Eternidade*, Lou²² dizia: “O velho está liberto de todos os seus limites pessoais e escrúpulos mesquinhos. Retirado lentamente da vizinhança imediata dos outros seres vivos, ele se vê, progressivamente, reintroduzido no grande encadeamento universal”.

A cultura não se estraga e, quando nada mais nos resta, pode nos restaurar atividades nas quais os jovens não são ainda tão bons: a qualidade da síntese, por exemplo; pois a vivência em determinados assuntos como a arte e a filosofia dão ao idoso maior capacidade analítica, e uma visão sintética baseada na observa-

²⁰ FERREIRA, Luzilá G. “Os Sentidos da Paixão”, São Paulo, Cia das Letras, 1990

²¹ FERREIRA, Luzilá G. Op. cit.

ção e na multiplicidade das informações para discernir o que, realmente, deve ser aproveitado do grande cabedal de informações. Há atividades só conferidas ao homem idoso, como no caso dos senadores, na política. Há muitos casos exemplares nesse campo. Cito Wells²³ que, aos 70 anos, investigava todas as invenções modernas, e em particular o cinema.

É bem verdade que a sociedade não permite ao idoso engajar-se em projetos de empresas, considerando-o aposentado. Esse é o grande crime da sociedade. Mas nada impede que ele faça seu projeto de vida independentemente, sem vínculos, e possa realizá-lo através das leis de incentivo à cultura. Excelentes projetos surgem dessa maneira.

Se na maturidade os indivíduos se fecharem no quarto do passado, recusando-se a participar do novo, fatalmente enfraquecerão tanto o espírito, que o corpo desfalecerá na inércia do pensamento. Para fortalecer o pensamento existem as leituras, que permitem novas interpretações da vida e conduzem à novas reflexões. Não deve ser esquecido o fato de que o trabalho intelectual conserva abertas para sempre as suas fronteiras. Não deverá o maduro, que caminha para a velhice, transformar essa parte da existência numa caminhada trôpega e

despreparada. Quem serão os vitoriosos nesse mister? Os que se engajarem matriculando-se em associações, participando de programas para a maturidade e, o mais importante, fugindo dos moralistas que condenam as paixões. Em todas as épocas da vida a paixão é a grande incentivadora das realizações pessoais.

Simone de Beauvoir²⁴, afirma que o indivíduo, se a cultura não fosse um saber inerte, adquirido de uma vez por todas e depois esquecido, se fosse prática e viva, e se através dela tivesse sobre o seu meio um poder de realização e renovação ao longo dos anos, em todas as idades, seria um cidadão útil e produtivo. Se participasse de uma vida coletiva e cotidiana, tão essencial como a sua própria vida e não fechado em um círculo, ele jamais conheceria a solidão. Teríamos assim velhos felizes, ocupados e interessados, ao invés de embalados em cesta de presentes da aposentadoria, onde estão disfarçados o vazio, o tédio, a depressão e a tristeza.

²² BEAUVOIR. Op. cit

²³ BEAUVOIR. Op. cit

²⁴ BEAUVOIR. Op. cit



O Trabalho Voluntário no Brasil e a Participação da Terceira Idade

MARIA LÚCIA DEL GRANDE

PEDAGOGA; ESPECIALISTA EM GERONTOLOGIA SOCIAL PELO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE,
ASSISTENTE DA GERÊNCIA DE ESTUDOS E PROGRAMAS DA TERCEIRA IDADE – SESC/SP.

REGINA CÉLIA SODRÉ RIBEIRO

PSICÓLOGA; ESPECIALISTA EM GERONTOLOGIA SOCIAL PELO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE;
E EM ADMINISTRAÇÃO PARA ORGANIZAÇÕES DO TERCEIRO SETOR PELA FGV. ASSISTENTE DA
GERÊNCIA DE ESTUDOS E PROGRAMAS DA TERCEIRA IDADE – SESC/SP.

“A ausência de um projeto de vida na Terceira Idade pode trazer desânimo e descrença (...) o trabalho voluntário do idoso contribui para a melhora da sua auto-imagem, traz reconhecimento e, principalmente, combate o isolamento e a depressão (...) muitas organizações que contam com o trabalho de pessoas idosas como voluntárias, consideram-no inestimável”.

BREVE HISTÓRICO

O trabalho voluntário existe no Brasil há quase 500 anos. Apontamos como marco inicial dessa atividade a fundação da Casa de Misericórdia na cidade de Santos, em 1543. Até o século XVIII, a maioria das entidades filantrópicas das quais se tem documentos era ligada à Igreja católica. Este fato caracterizou expressivamente a sociedade brasileira. Ainda hoje mais da metade dos voluntários no Brasil estão ligados a alguma instituição religiosa. A igreja católica ainda detém o maior número de projetos sociais na área, embora outras religiões também possuam trabalhos sociais significativos.

A presença do Estado só passou a ser considerada significativa a partir dos anos 30, quando Getúlio Vargas assumiu o poder e implantou uma política centralizadora do Estado, que passou a ser o maior destinador de recursos à área social.

Em 1935 surge a primeira legislação sobre a colaboração entre entidades privadas sem fins lucrativos e o Estado: a lei de Declaração de Utilidade Pública (válida até hoje), que reserva ao Presidente da República a faculdade de conceder ou não a declaração. Em 1942 foi criada a Legião Brasileira de Assistência - LBA, órgão governamental que até janeiro de 1995 era responsável pelo atendimento de setores fragilizados da população: crianças, gestantes e idosos.

Por força de seus estatutos, e dirigi-

da pelas primeiras-damas da República, a LBA deveria ter o seu patrimônio constituído por doações particulares e recursos públicos, porém como não foi concebida como uma agência prestadora de serviços sociais ela estabelecia convênios com entidades sem fins lucrativos, religiosas ou não, para que fossem viabilizados os serviços.

A partir de 1964, o modo de atuação do Estado na área social começa a mudar. O governo passa a destinar verba proporcionalmente maior para financiar organizações privadas (hospitais, escolas, etc.), ampliando o processo de privatização e causando um crescimento deste segmento em detrimento das Organizações Não Governamentais.

Novos tipos de entidades surgem neste período em que se inicia uma reorganização da sociedade civil, ajudadas pela modernização acelerada, pelas mudanças nas políticas sociais do governo e até pela cooperação não governamental de empresas e de novos parceiros internacionais.

Em suma, toda nossa história política deve ser considerada pelo fato de ter sido constituída de forma centralizadora, sempre dependente administrativa, política e economicamente em relação ao governo federal. O associativismo, sempre inibido pelo Estado, só nas últimas décadas tem sido incentivado de forma mais expressiva, e é através dele que surgem mais e mais ONGs, fortalecendo o peque-

no e atuante Terceiro Setor.

O TERCEIRO SETOR

Uma das definições para este recente termo é resultado de dois outros conceitos, analisados por Mário Aquino Alves (1): Terceiro Setor é o espaço institucional que abriga um conjunto de ações de caráter privado, associativo e voluntarista, geralmente estruturadas informalmente, voltadas para a geração de bens e serviços públicos de consumo coletivo; se ocorrer excedentes econômicos neste processo, estes devem ser reinvestidos nos meios para a consecução dos fins estipulados.

Atualmente o Terceiro Setor representaria a oitava economia do mundo se pudesse ser considerado uma economia independente. Perderia em ordem decrescente apenas para os E.U.A, Japão, China, Alemanha, França, Reino Unido e Itália, segundo pesquisa comparativa da Johns Hopkins University, USA, set/95 (2).

No Brasil, o Terceiro Setor é tão recente que não temos dados estatísticos suficientes para procedermos a uma investigação sobre seu acelerado crescimento ao longo da história do nosso trabalho voluntário. Trata-se de uma área que só mereceu pesquisa e preocupação acadêmica na década de 90, quando foram organizados dois centros de estudos do Terceiro Setor, um na Fundação Getúlio Vargas (CETS) e outro na Faculdade de Administração da USP (CEATS). Mais re-

centemente outro centro foi criado para pesquisas sobre voluntariado, o Núcleo de Estudos de Administração do Terceiro Setor da PUC – SP (NEATS).

Muitos afirmam que as atividades do setor não-lucrativo podem constituir uma alternativa ao quase desaparecimento do Estado, face a grave crise na garantia dos direitos sociais básicos da população. É notória a atuação de organizações nas diversas áreas junto a população carente, que o Estado nunca atendeu em suas necessidades básicas.

Devemos ter claro o papel a ser desempenhado pelo Terceiro Setor. O Estado não deve se desobrigar do envolvimento direto com a solução dos problemas sociais. Considerando a enormidade deles e a transição da centralização estatal, pensar que o Terceiro Setor possa substituir o Estado não passa de uma utopia. As soluções encontradas em nível local não podem ser aplicadas em escala global. Todavia, a solução cooperativa entre Governo e Terceiro Setor tem sido proveitosa para ambos os lados.

O Terceiro Setor está sendo constituído não só no Brasil, como também em muitos países. Ele veio para ficar. Cada segmento da sociedade se mobiliza e integra este setor para com ele crescer e se desenvolver.

Embora a tendência de profissionalização do setor voluntário não seja unanimidade entre os especialistas em filantropia, ela se faz necessária ao bom

desempenho dos trabalhos técnicos das organizações sem fins lucrativos, assim como de uma empresa privada. Quando uma ONG, por mais informal que seja, busca recursos financeiros no mercado, deve mostrar seu projeto com indicadores claros, metodologia e planejamento. Assim a empresa, ao perceber a organização e a profissionalização da mesma, poderá julgá-la confiável e liberar os recursos solicitados.

Para se entender a complexidade da informalidade do Terceiro Setor, faz-se necessário dissertar sobre o voluntariado.

O NOVO E O MODERNO VOLUNTARIADO

Em 1993 foi criada a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Seu criador, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, foi uma das principais lideranças de uma nova corrente de trabalho solidário, lançando sementes em todo o Brasil. Foram criados quase 3.000 comitês, que arrecadaram em sete meses mais de 500 mil toneladas de alimentos. A campanha do Betinho, com os objetivos de combater a fome e de arregimentar milhares de voluntários, foi e é até hoje um marco do novo voluntariado.

Em 12 de janeiro de 1995, o atual Presidente Fernando Henrique Cardoso criou a Comunidade Solidária com o objetivo de desenvolver um novo modelo, baseado na parceria Estado-Sociedade,

para enfrentar a pobreza e a exclusão social.

O Conselho da Comunidade Solidária gerou quatro programas distintos:

Alfabetização Solidária

Programa dirigido a municípios com os maiores índices de analfabetismo para reduzir as desigualdades regionais. Atende, prioritariamente, jovens de 12 a 18 anos, sem excluir adultos que queiram participar.

Universidade Solidária

Programa de mobilização de jovens universitários, que permite conhecer melhor a realidade do país e participar de um exercício de responsabilidade social em viagens a municípios com altos índices de pobreza. Os estudantes, coordenados por professores de suas universidades, divulgam informações e promovem atividades que visam a melhoria das condições de saúde, de educação e de organização das comunidades.

Capacitação Solidária

Programa de capacitação dirigido a jovens de 14 a 21 anos, que vivem nas regiões metropolitanas sem escolaridade suficiente, sem oportunidades de formação profissional, e oriundos de famílias de baixa renda. Desenvolve habilidades específicas e estimula a sociabilidade, a organização, a auto-estima e a cidadania, buscando assim novas brechas

no mercado de trabalho e motivando a permanência e/ou a volta à escola.

Programa Voluntários

Programa criado em 1996 para desenvolver um novo modelo de voluntariado, baseado na participação responsável e solidária dos cidadãos em iniciativas concretas de combate à exclusão social e de melhoria da qualidade da vida comunitária.

É importante ressaltar que foram promulgadas duas leis: a Lei 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre as condições do exercício voluntário e estabelece um termo de adesão; e a Lei 9.790, de 23 de março de 1999, que qualifica as organizações da sociedade civil de direito público e disciplina um termo de parceria. Eis a íntegra da transcrição da Lei do Voluntariado:

Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998.

Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1. Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de

assistência social, inclusive, mutualidade.

Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Art.2. O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições do seu exercício.

Art.3. O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.

Parágrafo único: As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Art.4. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art.5. Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 18 de fevereiro de 1998; 177 da Independência e 110 da República

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Paulo Paiva
(publicado no Diário Oficial da União, de 18/02/98)

DEFINIÇÕES DO TRABALHO VOLUNTÁRIO

. Segundo as Nações Unidas:

O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social ou outros campos...

. Segundo a Fundação ABRINQ pelos direitos da Criança:

O voluntário, como ator social e agente de transformação, presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e seus conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional.

. Segundo a Associação Internacional de Esforços Voluntários:

(International Association for Volunteer Efforts – IAVE)

Trata-se de um serviço comprometido com a sociedade e alicerçado na liberdade de escolha. O voluntariado promove um mundo melhor e torna-se um valor para todas as sociedades.

. Segundo o Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária:

O voluntário é o cidadão que, motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO

Os princípios básicos do voluntariado, segundo Roca (3) são:

- Reconhecer e respeitar a dignidade e a cultura de cada ser humano;
- Reconhecer o direito de cada homem, mulher e criança de associar-se livremente, sem distinção de raça, religião, condição física, social, econômica ou outra;
- Oferecer seus serviços aos demais, sem qualquer remuneração, individualmente ou através de esforço conjunto;
- Detectar as necessidades e estimular a participação da comunidade na resolução dos próprios problemas;
- Promover a responsabilidade social, a participação cidadã, a comunidade, a solidariedade internacional;
- Melhorar a qualidade de vida, fornecendo respostas aos grandes desafios do mundo de hoje.

Esse autor (4) acrescenta ainda que: é importante lembrar que: o voluntariado promove o crescimento da pessoa e pro-

picia a aquisição de habilidades e conhecimentos, ajudando no desenvolvimento do potencial pessoal e da auto-estima, capacitando-a a participar ativamente na resolução de seus problemas.

O VOLUNTÁRIO

É a pessoa que, motivada por valores de participação e solidariedade, doa seu TEMPO, TRABALHO e TALENTO de maneira espontânea e não remunerada para uma causa de interesse social e comunitário. Quatro elementos são primordiais no indivíduo que exerce um trabalho voluntário:

Qualificação: leva em conta o talento e as habilidades de quem o exercita na busca da excelência do serviço prestado.

Satisfação: o voluntariado deve ser exercido com prazer e garra; traz um sentimento de plenitude para quem o faz.

Doação: a entrega de horas da própria vida em favor do próximo e da comunidade é resultado de uma inquietação interior que precisa materializar-se por meio de ação solidária.

Realização: é um trabalho que tem compromisso com o êxito, com o sucesso; que está determinado a cumprir com responsabilidade os objetivos propostos.

O VOLUNTARIADO NA TERCEIRA IDADE

O envelhecimento populacional neste fim de milênio se apresenta como um desafio tanto pela ampliação cada vez maior do contingente de idosos em todas as sociedades, quanto pela qualidade desse envelhecer.

Acrescentar tempo à vida requer, simultaneamente, qualificar esse tempo para que a velhice não seja um encargo, mas sim uma etapa de vida com possibilidades de realizações pessoais e sociais.

O voluntariado surge como uma oportunidade de praticar uma boa ação; de estar integrado a um grupo; de ajudar a comunidade e de melhorar a própria disposição vital.

Segundo Vânia D'Angelo Dohme (5): o trabalho voluntário, no mundo inteiro, é sinônimo de exercício de cidadania, de solidariedade e de realização pessoal. A cidadania participativa engloba dois componentes, um de característica pessoal e outro social. O componente pessoal corresponde a uma inquietação interior, uma vontade de construir, uma chama que impulsiona realizações e que se encontra dentro das pessoas.

O componente social significa ter "olhos para ver": são as pessoas que possuem um olhar crítico para a sociedade em que vivem, que conseguem discernir, dentre o que está à sua volta, o que está certo e o que não está, o que precisa ser feito para melhorar. É a união da vontade interior com o olhar crítico que levará à realização de um trabalho construtivo

para a sociedade.

O idoso que possui as características acima atende ao chamado do seu íntimo e se engaja em algum tipo de trabalho voluntário; doa seu talento, seu tempo livre; e trabalha de maneira espontânea para algum tipo de causa social.

O trabalho voluntário do idoso contribui para a melhora da sua auto-imagem estima, traz reconhecimento e, principalmente, combate o isolamento e a depressão. Embora a depressão ainda seja mal diagnosticada, especialistas a indicam como um dos problemas mais graves pelos quais passam os idosos. Esse distúrbio, além de ser tratado pela medicina, pode ser melhorado através de atividades que tornem o idoso uma pessoa útil.

Sabemos que a ausência de um projeto de vida na Terceira Idade pode trazer desânimo e descrença; pode até antecipar a morte. Entendemos como "projeto de vida" a busca em satisfazer um objetivo específico, fazer planos e novos amigos, participar, conviver, motivar os outros, ouvir, se dar etc. Possibilidades estas que podem ser realizadas através do trabalho voluntário.

Muitas organizações que contam com o trabalho de pessoas idosas como voluntários consideram-nos inestimáveis. Geralmente demonstram uma grande dedicação e entusiasmo. Nesse grupo etário algumas pessoas ainda estão no mercado de trabalho, enquanto outras

já se aposentaram. Referimo-nos aos idosos das mais diferentes classes sociais e profissões.

Alguns profissionais não têm tempo de realizar um trabalho voluntário diário em alguma organização, porém querem ajudar ocasionalmente. Outros exercem ou exerceram uma profissão, e hoje querem dedicar seu tempo livre ao voluntariado, fazendo alguma coisa totalmente diferente do que faziam. Não importa a área de atuação escolhida. O importante é que o trabalho a ser desenvolvido seja prazeroso, que tenha a ver com o idoso, que combine habilidades e interesses. Isto garantirá um trabalho eficiente e recompensador.

Cada área de trabalho exige um perfil de voluntário. Caberá à instituição analisar se o idoso possui as características necessários para o bom desenvolvimento do trabalho escolhido.

Inúmeras são as áreas de atuação nas quais o idoso poderá desenvolver um bom trabalho voluntário. Listamos abaixo algumas possibilidades:

Saúde e Higiene: enfermagem, cuidados médicos, odontológicos e fisioterápicos; cabeleireira, barbeiro etc;

Nutrição: reciclagem alimentar, alimentação alternativa, manuseio e preparo de refeições, aproveitamento de sobras, controle de desperdício etc;

Ecologia: meio ambiente, melhoria do bairro, preservação de animais e plantas

SESC
Rio Preto

ENCONTRO REGIONAL DE IDOSOS 97

SESC
Rio Preto



etc;

Educação: alfabetização, reforço escolar, educação informal, educação profissionalizante, recreação etc;

Assistência Social: população carente, portadores de necessidades especiais, asilos etc;

Administração: serviços de secretaria, recepção e atendimento, contabilidade, marketing, campanhas etc;

Lazer, Cultura e Artes: música, teatro, museus e bibliotecas, atividades esportivas, recreativas etc.

Além da escolha da área de atuação é muito importante que o idoso escolha o grupo de pessoas com quem deseja trabalhar: crianças, adolescentes, idosos, índios, vítimas de desastres e catástrofes, pessoas com deficiências, moradores de rua etc. Deve ainda respeitar valores e crenças das pessoas da equipe com as quais venha a trabalhar.

A instituição deve verificar se o idoso está habilitado a desenvolver o trabalho específico na área escolhida. Quando não, cabe à instituição providenciar o treinamento adequado. Treinamento que, além de instrumentalizar o idoso para o trabalho voluntário escolhido, deve proporcionar uma atualização permanente. Via de regra, um aspecto altamente positivo em treinamentos é a possibilidade de travar novas amizades e de adquirir conhecimentos, fazendo assim surgir novos interesses. Toda essa dinâmica se

reflete nas relações familiares do próprio idoso voluntário, melhorando a integração entre os seus membros.

O idoso deve comungar com a missão da instituição e/ou comunidade onde prestará serviços e executará as tarefas que lhe forem atribuídas. Deverá ter suporte necessário e assistência adequada.

A responsabilidade é um fator fundamental para o bom desenvolvimento do trabalho. No momento em que o voluntário se predispõe a dedicar horas do seu tempo para uma instituição e/ou comunidade, deverá fazê-lo de forma a cumprir rigorosamente os horários estabelecidos, e só se comprometer com o período que de fato puder fazê-lo. Ele deve preferencialmente assinar o termo de adesão referido no art. 2 da Lei 9.608.

Além dos deveres já citados, o voluntário tem direitos em relação aos quais tem que estar consciente. Destacamos o direito de acesso às mesmas informações que tem o pessoal remunerado e a descrições claras das tarefas e das responsabilidades; além do direito de participar das decisões e de contar com os recursos indispensáveis para o trabalho voluntário.

O ser humano satisfaz suas necessidades através da relação com os outros seres humanos. Relacionar-se é interagir com os outros, comunicar-se com os outros, aproximar-se dos outros. No entanto, todo ser humano tem peculiaridades e diferenças. Aceitá-las significa estar avançando em maturidade e em



relacionamento humano positivo.

No relacionamento com o outro, para pedir ajuda ou para oferecer ajuda, a comunicação é uma das ferramentas mais importantes. Reconhecer a necessidade de ajuda e querer ser ajudado, dar informação necessária e clara do problema e ser receptivo, são condições básicas para essa comunicação. Aos que prestam ajuda recomenda-se escutar com interesse, compreender sem julgar o problema, interessar-se pelas necessidades da pessoa

e estabelecer atitudes que propiciem um clima de segurança e confiança.

Segundo Aída Blasco (6): É importante lembrar que só boa vontade não é suficiente para o voluntário, ele deve saber relacionar-se. Dentre as muitas relações humanas que deve estabelecer o voluntário, a relação de ajuda é a relação fundamental.

BIBLIOGRAFIA

- (1) ALVES, Mário Aquino. Entendendo o Terceiro Setor. Apostila do curso Administração para Organizações do Terceiro Setor – FGV, 2000.
- (2) Jornal “A Folha de São Paulo” de 18/09/1999. Encarte Especial: Profissão: solidário.
- (3) ROCA, Joaquin Garcia – Solidariedade Y Voluntariado Editora Sal Terrae, Espanha, 1994 in Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária, 1998.
- (4) ROCA, Joaquín García – Op. cit, 1998.
- (5) DOHME, Vânia D’Angelo. Trabalho Voluntário: Primeiros Passos na Direção de um Trabalho Voluntário Positivo, desafiante e agradável. Apostila do Centro de Voluntariado de São Paulo, 1998.
- (6) BLASCO, Aída e PARELLA, Morela, FIPAN – Curso de Capacitação em Gerência, Venezuela, Caracas, 1993.

OUTRAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Rubem C. Privado Porém Público. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994;
Textos do curso de capacitação técnica do programa Fortalecendo o Voluntariado no Brasil, Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária, 1998;
COELHO, Simone de Castro Tavares. Terceiro Setor – Um Estudo Comparado entre o Brasil e Estados Unidos. São Paulo, Editora SENAC, 2000;
Revista Conselho da Comunidade Solidária. Brasília: Comunidade Solidária, 1998. 43 p. Edição Especial.

CONSELHO REGIONAL DO SESC
DE SÃO PAULO
1999-2002

Presidente
Abram Szajman

Efetivos: Antonio Funari Filho, Cícero Bueno Brandão Júnior, Dante Ancona Montagna, Eduardo Vampré do Nascimento, Eládio Arroyo Martins, Ivo Dall'Acqua Júnior, José Maria de Faria, Luciano Figliolia, Manuel Henrique Farias Ramos, Orlando Rodrigues, Paulo Fernandes Lucânia, Pedro Labate, Roberto Bacil, Wallace Garroux Sampaio, Valdir Moysés Simão.

Suplentes: Amadeu Castanheira, Arnaldo José Pieralini, Fernando Soranz, Henrique Paulo Marquesin, Israel Guinsburg, Jair Toledo, João Herrera Martins, Jorge Sarhan Salomão, José Maria Saes Rosa, José Santino de Lira Filho, Mariza Medeiros Scaranci, Mauro Zukerman, Rafik Hussein Saab, Roberto Mário Perosa Júnior, Valdir Aparecido dos Santos.

Representantes do Conselho
Regional Junto ao Conselho Nacional.

Efetivos: Abram Szajman, Euclides Carli, Raul Cocito.

Suplentes: Aldo Minchillo, Manoel José Vieira de Moraes, Ubirajara Celso do Amaral Guimarães.



O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 26 unidades, disseminadas pela Capital e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia, turismo social e cinema.

